

Janete Teresinha da Silva Barcellos

DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS: *Pedagogia da
Presença, do Ritmo, da Escuta e Olhar Sensíveis*



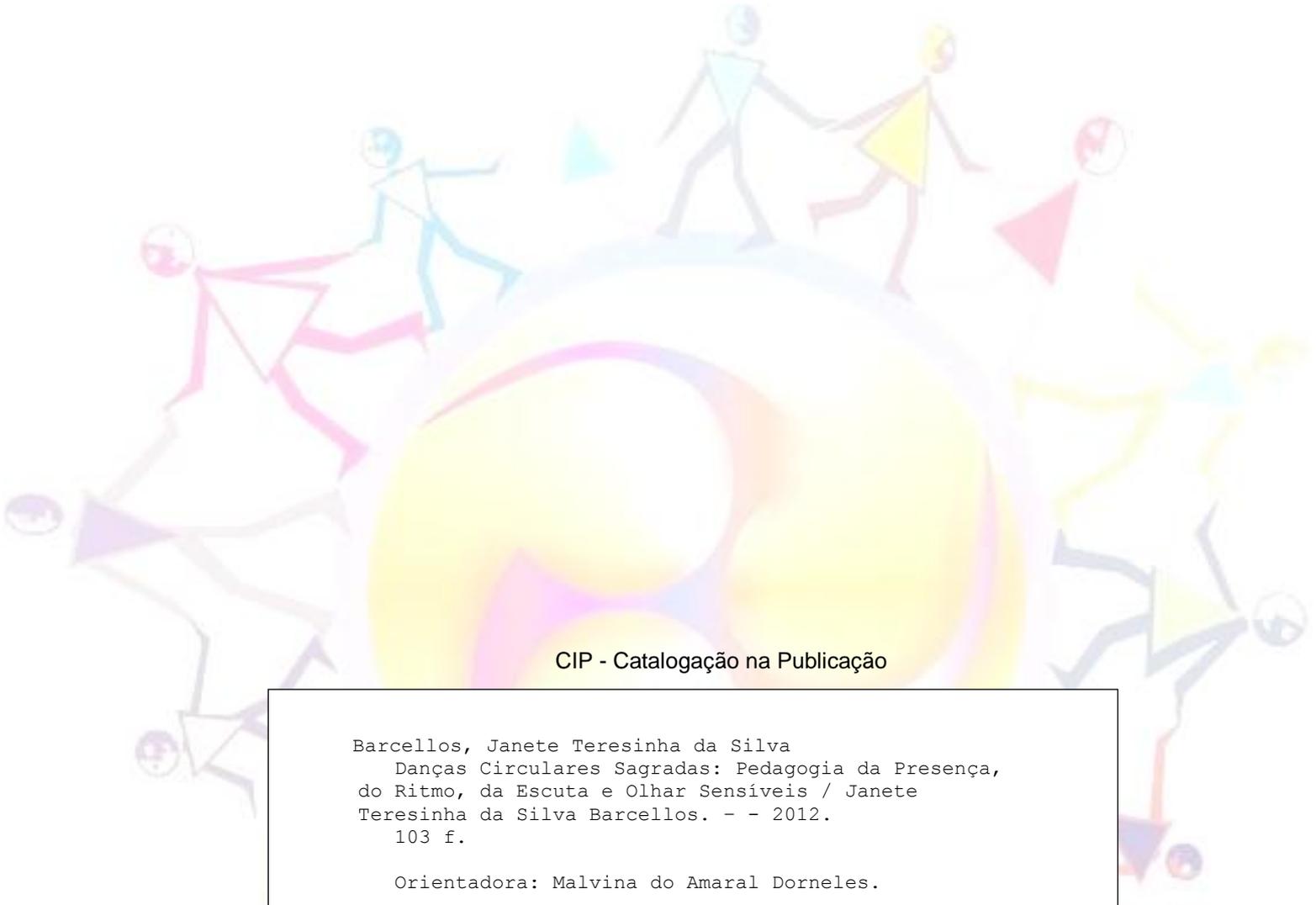
Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

Janete Teresinha da Silva Barcellos

DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS: *Pedagogia da
Presença, do Ritmo, da Escuta e Olhar Sensíveis*

Porto Alegre
2012



CIP - Catalogação na Publicação

Barcellos, Janete Teresinha da Silva
Danças Circulares Sagradas: Pedagogia da Presença,
do Ritmo, da Escuta e Olhar Sensíveis / Janete
Teresinha da Silva Barcellos. -- 2012.
103 f.

Orientadora: Malvina do Amaral Dorneles.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Dança Circular Sagrada. 2. Pedagogia do
Sensível. 3. Corporeidade. 4. Educação. I. Dorneles,
Malvina do Amaral, orient. II. Título.

Janete Teresinha da Silva Barcellos

**DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS: *Pedagogia da
Presença, do Ritmo, da Escuta e Olhar Sensíveis***

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção a do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof.^a Dra. Malvina do Amaral Dorneles

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

É sempre uma grande alegria poder agradecer, pois nos faz mais generosos e solidários. Sempre acreditei que temos muito mais a agradecer do que lamentar. Portanto, entro na dança, olhando nos olhos, segurando a mão daqueles muitos que contribuíram para a concretização desse devaneio.

A minha querida orientadora, Prof.^a Malvina do Amaral Dorneles, que me permitiu devanear, que exercer a autonomia e autoria. Mas que, também trouxe os questionamentos que me fizeram refletir e traçar novos caminhos, a calma que fez acreditar que seria possível. Mesmo sem saber bem os caminhos e as trilhas, mas tendo a sua mão que sustentou o desafio. Muito obrigada!

À minha família que, principalmente, no último mês de finalização da Dissertação, teve que abrir mão do seu tempo para acolher o meu: ao Luan que, muitas vezes fez os almoços para que eu pudesse trabalhar; à Dandara que, independentemente dos seus desejos, acolheu os limites momentâneos; ao meu querido e amado Nelton que foi meu consultor, amigo, revisor, tolerou minhas angústias e dúvidas, e sempre esteve a meu lado. Amo vocês.

Aos meus pais, Nilson e Eloá, que já não estão mais aqui, mas me abençoaram com o gosto pelo canto e pela música, que sempre vibrou em minha existência, e me ensinaram que sempre é possível fazer aquilo em que acreditamos...

À minha querida dinda Eva Ieda que mesmo me achando um pouco "louca", sempre acreditou que eu seria capaz de fazer tudo a que me propusesse. Mesmo quando eu mesma não acreditava. Sempre estarás em meu coração...

A minha querida amiga e irmã Ana Eleonora - Aninha, que sempre, com a sua alegria e sua fé me incentivou. E amorosamente, fez a revisão do texto...

Aos amigos que fui ao longo do Mestrado conhecendo e admirando, um grande abraço: Rose, Rafael, Antonio, Vanessa, Josivaldo, Neide, Roberta.

A UFRGS, e em especial à FACED, por acreditar em propostas que fogem do que é visto como tradicional e acolher a todos de uma forma ou de outra...

Aos mestres do Curso de Mestrado que me inspiraram a buscar outros olhares sobre a minha pesquisa, agradeço: Sandra Corazza, Rosa Bueno Fisher, Maria Aparecida Bergamaschi, Gilberto Icle... E ao meu querido professor, Nilton Bueno Fisher, que, apesar de não estar mais entre nós, foi fundamental em minha vida acadêmica...

Às queridas Luciana Ostetto e Yara Couto que, gentilmente disponibilizaram suas teses a fim de me auxiliar na escrita da Dissertação...

À Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, através de sua gerência pedagógica, que acolheu e deu apoio à proposta de pesquisa...

Aos colegas do Centro Comunitário George Black que sempre me apoiaram quando precisei de tempo para me dedicar a Dissertação...

Aos meus queridos alunos que se dispuseram a devanear comigo, mostrando o quanto a Dança Circular Sagrada é significativa em suas vidas. Sou muito grata a todos: Levino Schneider, Inorá Freitas, Lisane Tochetto, Maria Cristina Marques, Ludmila Maria César, Floripa Clélia de Lima, Maria Regina Vanzin, Nalu Madeira, Ana Lucia Dekert. Saibam que a participação de vocês faz e sempre fará diferença...

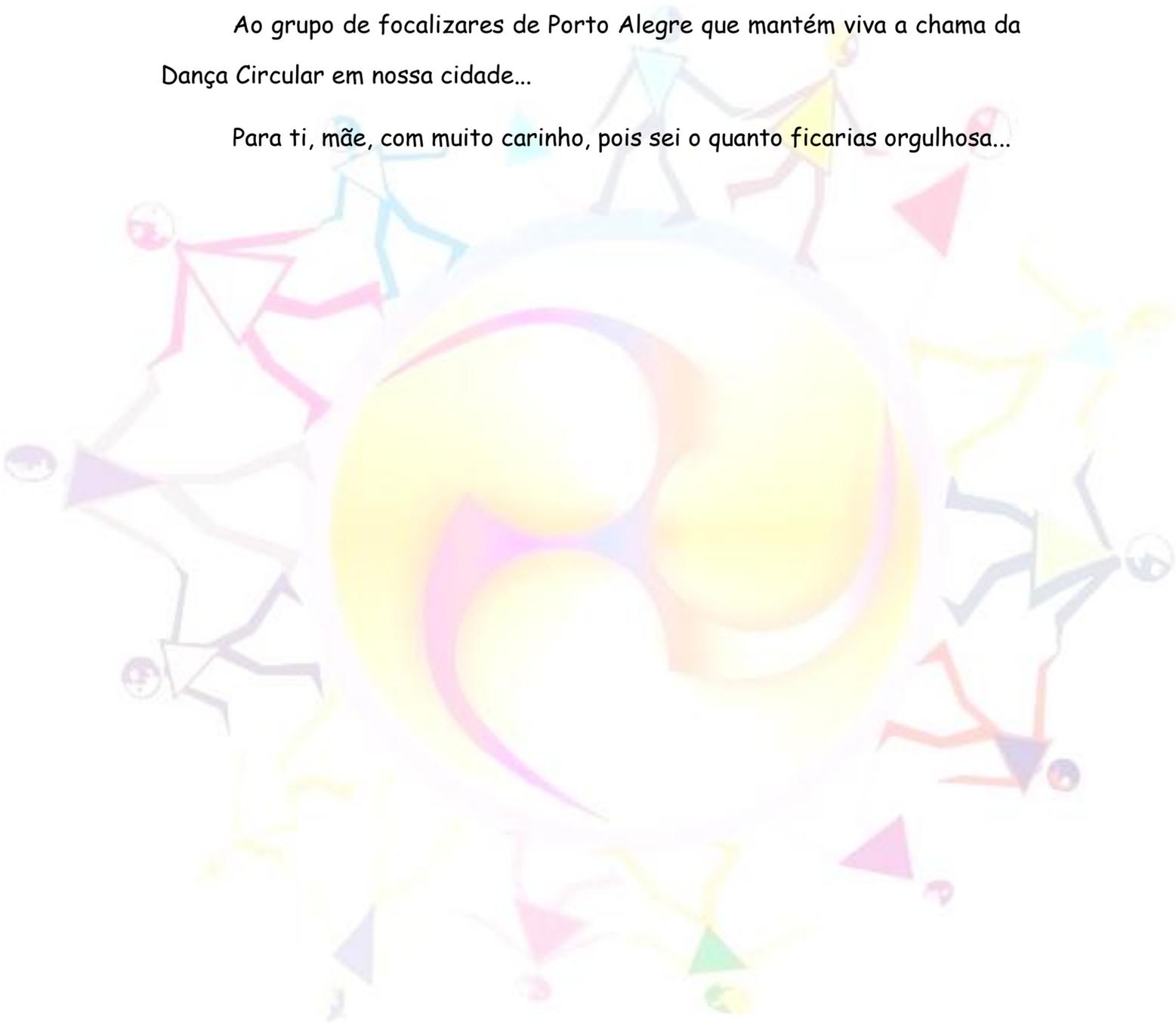
E finalmente, aos muitos Mestres de Danças Circulares Sagradas com os quais tive o privilégio de aprender dançando: Dagmar Hann, Gabriele

Wosien, Friedel Kloke, Anahata Iradan, Renata Ramos, Gwyn Peterdi, Ahmet Lüleci...

À minha querida amiga Elen Brack que me ensinou o quanto podemos ser solidários através da dança...

Ao grupo de focalizares de Porto Alegre que mantém viva a chama da Dança Circular em nossa cidade...

Para ti, mãe, com muito carinho, pois sei o quanto ficarias orgulhosa...



RESUMO

Este estudo busca dar visibilidade ao estar-junto-dançando nas Danças Circulares Sagradas, aos encontros e sentidos construídos pelos Corpos Dançantes na convivência do grupo e fora dele. Através dos depoimentos e falas de nove Dançantes do grupo de Danças Circulares Sagradas do Centro Comunitário George Black da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, partícipes deste estudo, foi possível identificar o exercício do olhar e da escuta sensíveis. Além da prática da presença e do ritmo, da percepção do erro, da dúvida, como processo inerente do dançar-junto no círculo. Para a constituição de um espaço reflexivo no grupo, utilizei as Cartas de Caminho (Apêndice B), que representam as emoções e sentimentos advindos desse dinâmico, complexo e multidimensional contato dos Corpos Dançantes com o vitalismo manifestado por esse estar-junto-dançando. No entanto, para a realização desse caminho, foi necessário mergulhar nas trilhas e mestres das Danças Circulares Sagradas, suas relações com o Sagrado, seus Mitos e Símbolos, estabelecendo um paralelo com minha história pessoal e os caminhos que me levaram à pesquisa.

Busquei teoricamente o apoio de Michel Maffesoli, na perspectiva de um estar-junto sensível e solidário, na visão de complexidade de Edgar Morin e na concepção de corpo próprio de Merleau-Ponty. Muitos outros autores contribuíram para o adensamento reflexivo, mas foram os depoimentos e falas dos Dançantes que me possibilitaram ir além, com vistas a uma Pedagogia do Sensível, onde o ritmo, o olhar e a escuta sensíveis estavam presentes.

Palavras-chave: Pedagogia do estar-junto, Educação, Danças Circulares Sagradas, Pedagogia do Sensível

ABSTRACT

This study seeks to give visibility to the being-together-dancing in the Sacred Circle Dances, meetings and meanings constructed by Dancing Bodies in the living of the group and outside it. Through interviews and speeches of nine Dancing group Sacred Circle Dances George Black Community Center of the Municipal Secretary of Sports Recreation and Leisure, participants in this study, we observed the exercise of looking and listening sensitive. In the practice of the presence and rhythm, the perception of error, definitely as a process inherent in dance-along in the circle. To form a reflective space in the group, used the Letters of Way, representing the emotions and feelings arising from this dynamic, complex and multidimensional contact Dancing Bodies with vitalism expressed by this being-together-dancing. However to achieve this way, it was necessary to dive into the tracks and masters of the Sacred Circle Dances, their relations with the Sacred, its Myths and Symbols, drawing a parallel with my personal history and the paths that led me to research. To do so, I sought the support of Maffesoli theoretically, from the perspective of a being-together-sensitive and supportive, in view of the complexity of Morin and designing its own body of Merleau-Ponty. Many others have contributed to the reflective density, but it was the testimony and statements of Dancing that allowed me to go further with a view to the sensitive pedagogy, where the pace, look and listen sensitive were present.

Keywords: Pedagogy of being-together, Education, Sacred Circle Dances, Sensitive Pedagogy

SUMÁRIO

Entrando no círculo de Danças Circulares Sagradas	p.14
1. A DANÇA CIRCULAR SAGRADA.....	p.17
1.1. Histórias de Mitos, Símbolos e Trilhas, Tecidos ao Longo do Caminho.....	p.17
1.2. Bernhard Wosien, do Devaneio à Dança dos Povos	p.25
1.3. Da Escócia ao Solo Mineiro	p.30
1.4. Na Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre.....	p.33
2. AS PEGADAS DO CAMINHO.....	p.39
2.1. Trajetórias de Ser-Estar-Junto-Dançando.....	p.39
2.2. Experiências do Dançar-Junto: Disposições Ético-Afetivas.....	p.44
2.3. Os Corpos Dançantes	p.51
3. OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	p.54
3.1. Disposições Teórico-Metodológicas do Dançar Junto.....	p.54
3.2. O Dar-se a Ver de Quem Gosta de Dançar: Depoimentos e Reflexões.....	p.62
3.3. Vidas Entrelaçadas pelos Movimentos dos Corpos Dançantes.....	p.75
Espiralando o círculo de Danças Circulares Sagradas: o Continuar Dançando.....	p.90
Referências	p.93
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	p.97
Apêndice B - As 21 Cartas de Caminho.....	p.98

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia nº 1: Sri Nataraja, Shiva dançando, bronze, Índia.

Fotografia nº 2: Dança da Fertilidade de Watamba, Quênia.

Fotografia nº 3: Dança Circular com músico no centro em terracota, séc. VI a.C., Kestner Museum Hannover.

Fotografia nº 4: Bernhard Wosien

Fotografia nº 5: Marie-Gabriele Wosien

Fotografia nº 6: Bernhard Wosien e Friedel Kloke-Eibl

Fotografia nº 7: Dança "Hymnus Christi", coreografia Bernhard Wosien

Fotografia nº 8: Bernhard Wosien no Festival de Dança Internacional de Findhorn - Escócia, 1986

Fotografia nº 9: I Encontro de Danças Circulares e da Paz Universal da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer - 2007

Fotografia nº 10: III Encontro de Danças circulares e da Paz Universal da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer - 2009

Fotografia nº 11: I Encontro de Danças Circulares e da Paz Universal da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer - 2007

Fotografia nº 12: I Fórum de Espiritualidade - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade - 2007

Fotografia nº 13: Centro do Círculo de Danças do I Encontro de Danças Circulares Sagradas e da Paz Universal da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer - 2007

LISTA DE GRAVURAS

Gravura nº 1: Dança de Roda da Macedônica

Gravura nº 2: Deusa Eurínome

Gravura nº 3: Dança dos Ladrões

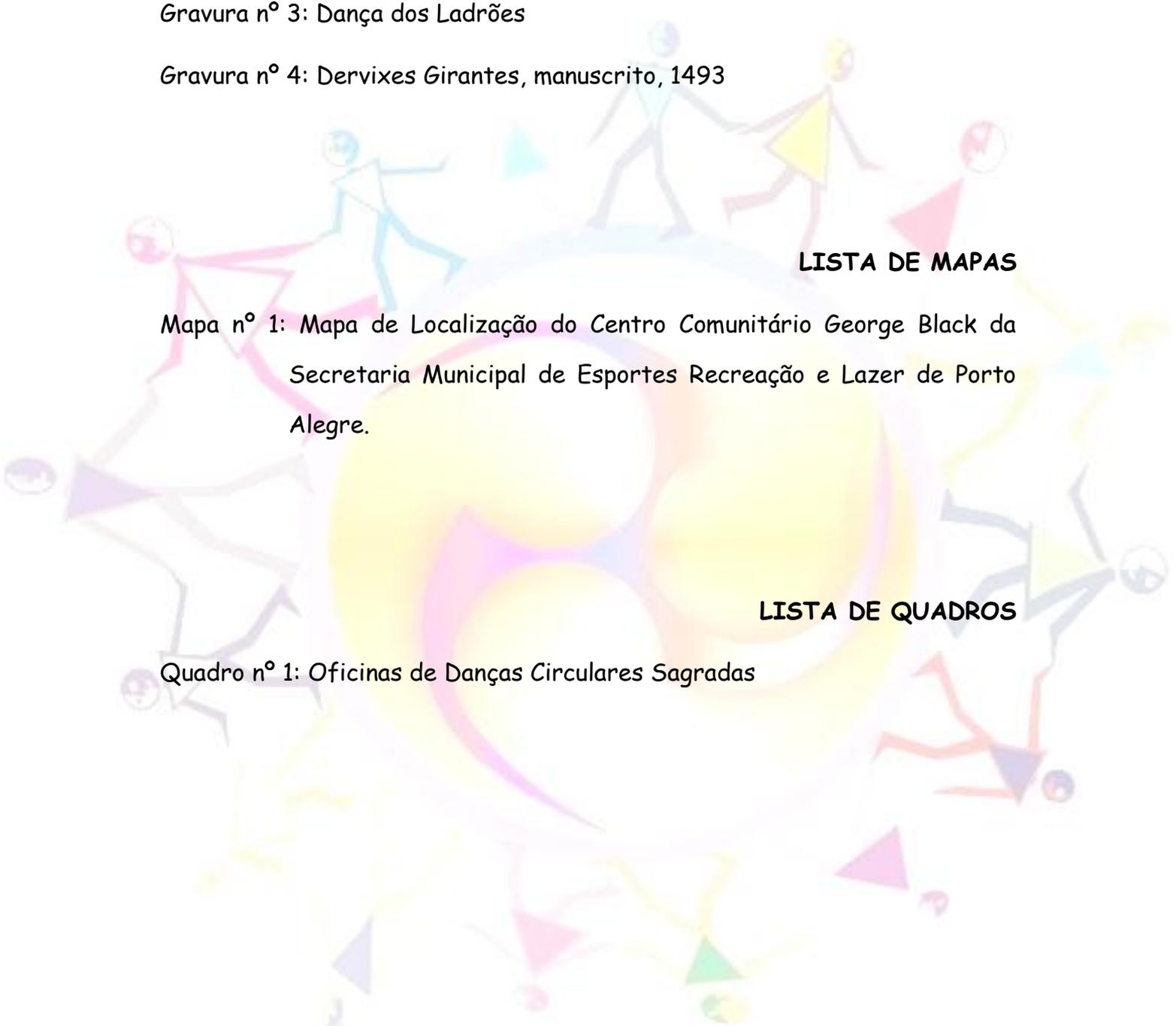
Gravura nº 4: Dervixes Girantes, manuscrito, 1493

LISTA DE MAPAS

Mapa nº 1: Mapa de Localização do Centro Comunitário George Black da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer de Porto Alegre.

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1: Oficinas de Danças Circulares Sagradas



POEMA MULHER

Cora Coralina

Não sei...

Se a vida é curta

Ou longa demais para nós,

Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,

Se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe,

Braço que envolve,

Palavra que conforta,

Silêncio que respeita,

Alegria que contagia,

Lágrima que corre,

Olhar que acaricia,

Desejo que sacia

Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,

É o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela

Não seja nem curta,

Nem longa demais,

Mas que seja intensa,

Verdadeira, pura...

Enquanto durar.

Entrando no Círculo das Danças Circulares Sagradas...

"Quando descobrimos que não estamos sozinhos e o que somos hoje faz parte da caminhada daqueles que vieram antes de nós, é possível começar a construir novas realidades".¹ (BARCELLOS, J. 2011)

Início este caminho da pesquisa fazendo um convite ao conhecimento e à curiosidade, para que possamos mergulhar no círculo das Danças Circulares Sagradas, conhecer sua história, suas trilhas, seus mitos, seus símbolos, para que, diante desse universo, possamos perceber o quanto a dança e a música estiveram presentes na história da humanidade, constituindo sentidos² diversos; como a dança, a partir das danças folclóricas, constitui-se em proposta educativa, através do movimento das Danças Circulares Sagradas. Movimento que chega ao Brasil nos anos de 1980 e, gradativamente, amplia seu leque de participantes, define novos contornos e possibilidades, na constituição de grupos e formação de focalizadores³.

No entanto, além das questões históricas, é necessário que possamos visualizar o círculo das Danças Circulares Sagradas como um espaço privilegiado do estar-junto-dançando, que se dá na convivência de corpos, mentes e almas. Assim, ao pensar num círculo de danças, imediatamente me remeto à imagem de uma grande espiral multicolorida, de mãos e vozes que inspiram um movimento permeado pela convivência, materializada na cotidianidade da experiência do dançar, na valorização daquilo que é simples e que faz parte da vida das pessoas, num espaço-tempo que é o da relação

¹ Esse poema reflete sobre a ancestralidade e sua influência no aqui-agora.

² É uma interpretação sócio-cultural dos signos, possibilitando, pois, a polissemia destes. Assim, a produção de sentidos configura possibilidades temporais – e não certezas – onde a aprendizagem, entendida e assumida como processo sócio-cultural requer práticas educadoras ético-politicamente diferenciadas.

³ Nome dado a quem está em um determinado momento no foco de transmissão de uma Dança Circular Sagrada.

que estabelecemos uns com os outros. Nesse processo permite um novo olhar sobre o vivido, dando novos contornos à experiência, convidando a momentos de apreciação e deleite.

Na perspectiva desse estar-junto-dançando é que foram se constituindo as trajetórias e os caminhos desta pesquisa, desde às muitas pegadas que me conduziram à Dança Circular, minha história pessoal e profissional com a dança, as disposições ético-afetivas que me instigaram, as disposições teórico-metodológicas que apoiaram minhas escolhas de estudiosos, de sujeitos, dos espaços de troca, de sensibilidades. Além da construção dos instrumentos que possibilitassem a apresentação do que é vivido nos círculos de Danças Circulares Sagradas e a reflexão sobre os mesmos.

Nesse caminho reflexivo, me percebo desvelando o que se dá a ver nos círculos de Danças Circulares Sagradas, na relação intrínseca entre o corpo que dança e os sentidos atribuídos a esse dançar. Também percebo que, ao assumir um saber em que o corpo é parte integrante do conhecer, torna-se possível constituir um corpo social advindo de uma experiência que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, possível de fomentar o que Maffesoli (2008) chama de *solidariedade orgânica*⁴.

Foi a partir do grupo, pensado enquanto corpo social, percebido nas suas nuances, questionamentos, reflexões, dinâmicas, nos círculos de Danças Circulares Sagradas, que se constituiu esta pesquisa, propondo-se a pensar esse estar-junto-dançando dos Corpos Dançantes⁵, levando em conta a Presença, o Ritmo, o Olhar e a Escuta sensíveis, na perspectiva de construção de uma pedagogia que possibilite o reconhecimento de uma socialidade;

⁴ Sentimento de pertença, de fazer parte de uma determinada comunidade através dos pequenos rituais cotidianos. Ideal comunitário confortado pelo senso comum (Maffesoli, 2008).

⁵ Sujeitos que dançam nos círculos de Danças Circulares Sagradas – DCS e que passarei a nomear como Corpos Dançantes, a partir da discussão sobre corpo próprio de Merleau-Ponty (1971).

"(...) isto é um estar-junto fundamental que ao lado dos elementos mecânicos e racionais, que estão na base do contrato social, integra todos os aspectos passionais, racionais, senão, francamente, ilógicos, que estão também, em ação na natureza humana. E a aposta é que é possível, intelectualmente operar tal integração. (...) Assim, a ênfase na vivência é uma boa maneira de reconhecer os elementos subjetivos como parte integrante das histórias humanas."
(MAFFESOLI, 2008 p.182-183)

Convite feito...

Espaço preparado...

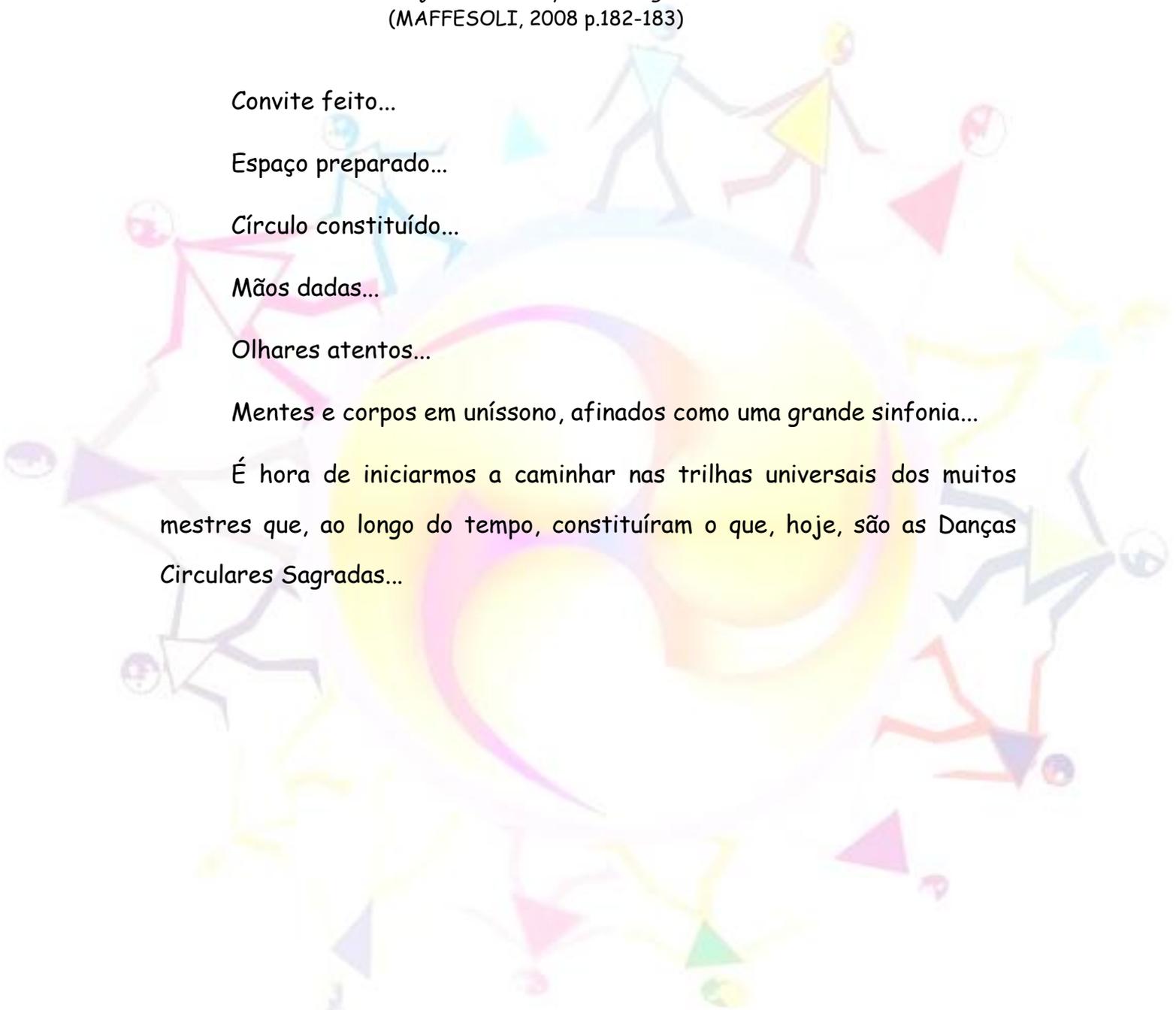
Círculo constituído...

Mãos dadas...

Olhares atentos...

Mentes e corpos em uníssono, afinados como uma grande sinfonia...

É hora de iniciarmos a caminhar nas trilhas universais dos muitos mestres que, ao longo do tempo, constituíram o que, hoje, são as Danças Circulares Sagradas...



1. A DANÇA CIRCULAR SAGRADA



*Gravura 1: Dança de Roda da Macedônia,
Desenho de Bernhard Wosien
Fonte: WOSIEN, B. 2000*

"Dançar é mover o dom, no fundo de uma paixão, é seduzir, é revelar todo o sentido". (Djavan na música Seduzir)

1.1. *Histórias de Mitos, Símbolos e Trilhas Tecidas ao Longo do Tempo*

É com paixão que revelo que torno visíveis trajetórias, mitos e símbolos das Danças Circulares Sagradas, que tenho entrado no círculo, plena de amor, entrega e confiança, que conto um pouco dessa minha história e dos seus, a meu ver, muitos encantamentos.

Parte disso é perceber o quanto essas muitas tradições se mantiveram vivas ao longo do tempo, trazendo suas percepções e ensinamentos a respeito da existência humana. Na sabedoria dos Mestres,

"(...)o círculo representa uma imagem microcômica do espaço cósmico original. O círculo é tido como o símbolo original da eternidade e é reflexo daquele círculo no céu noturno, o zodíaco, do qual todos nós descendemos. Todos os pontos do círculo são pontos de retorno(...). Cada ponto do círculo tem a mesma distância para com o centro, o baricentro deste espaço que é circulado como centro visual comum. Este ato da dança tem, com isso, centro e limite."
(WOSIEN, B. 2000. p. 42)

O símbolo para o princípio da criação é um círculo vazio, sua circunferência é o mundo revelado. O círculo também se relaciona com o percurso do sol durante o ano,

"desde seu nascimento até o solstício de inverno, chegando ao seu renascimento na mesma época do ano seguinte. O ano circular torna-se, portanto, o paradigma do caminho da libertação. O sol é a manifestação e o anúncio da divindade."
(WOSIEN, M.G. 2004. p.14)

Uma das tradições ligadas à simbologia do sol é a cristã, que no seu início reverenciava a dança. Ela acompanhava as atividades sagradas e estava integrada aos rituais, principalmente casamentos e batizados. Muitas das danças antigas foram preservadas, por exemplo, na Grécia, onde não é apenas um meio para encontrar-se a si mesmo, mas também encontrar-se com a comunidade, *de forma que o passo de cada um encontra sua expressão viva no grupo* (Wosien, B. 2000 p.43).

A direção da dança acontece no sentido anti-horário, mostra a trajetória do sol desde a manhã até a noite. A Dança Circular⁶ é, portanto, *a concepção dançante do trajeto da luz no espaço*⁷. Olhando para o centro, o dançante busca sempre a conexão com o mesmo como contrapartida divina. O centro do círculo representa o símbolo da força da criação divina que flui para o aqui e o agora. *Do ponto de vista religioso, a Dança Circular é a tentativa de realizar na terra o espetáculo do movimento celestia*⁸. Através das Danças Circulares, existe uma tentativa de conexão do homem dançante com o movimento dinâmico do Universo.

⁶ Ao longo do texto utilizarei alguns termos para designar as danças: Danças Circulares Sagradas, e simplesmente Danças Circulares por serem os termos mais utilizados nos círculos de prática.

⁷ A força da luz faz com tudo se movimente – sem luz não há vida. Seu trajeto representa a imagem mística do poder da criação, cujo símbolo, o sol, é venerado em Cristo como *sol invictus* na Páscoa – o sol imortal, que escapa da noite, corporificando a nova vida (Wosien, 2004. p. 14).

⁸ A partir da figura do círculo, para onde convergem todas as antíteses, é possível desenvolver todas as figuras simbólicas geométricas. Estas são também a formação dos números básicos, encontrados em todas as formas de movimento e coreografias. O centro criador, que, por um impulso de sua força infindável, pela “palavra”, gera todas as esferas, também concebe todas as hierarquias dos anjos como cocriadoras da obra divina. (Wosien, 2004. p. 14-15)

Nossa consciência se renova através da música e da Dança Sagrada. A dança, dedicada à Deus, tinha a função de estabelecer costumes, função essa transmitida às Danças Folclóricas e às Tradições Populares. Hoje, o caminho é de retorno à Dança conectada à Espiritualidade, ao conhecimento dos Ciclos da Natureza, à compreensão de ser humano planetário, às formas geométricas sagradas originadas do círculo e que espelham a unidade da Natureza e do Cosmos.

Muitos desses conhecimentos, advindos das várias experiências religiosas, psicológicas, medicinais, de vários povos, mantiveram acesos, durante séculos, as lembranças dos antepassados, da Deusa, de Deus, dos Deuses, em muitas tradições como a cristã, a judaica, a hindu, a islâmica, entre outras. Pela dança, os ensinamentos éticos, preservados nas tradições, recebem continuidade, operando em todos os níveis da consciência através de símbolos e imagens, que conduzem sua energia espiritual durante os movimentos da Dança Sagrada.

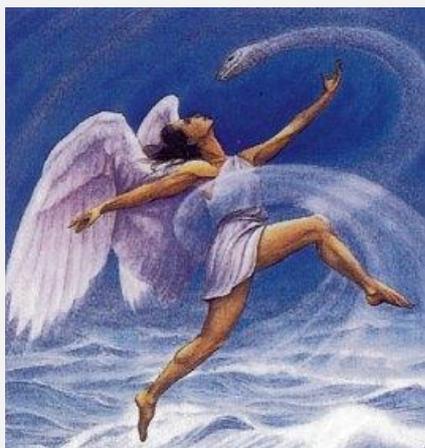
Os grandes mitos do mundo falam da criação e da sua perda, mostram os caminhos da experiência humana. As imagens e ideias, criadas por esses mitos, servem de modelo e de lembrança à realidade, servem como mediadores entre o inexplicável, o invisível e a consciência. Nessas imagens vivem os antepassados, aqueles que nos precederam que vivenciaram o Espírito e a Matéria como unidade. São deuses, representações simbólicas e alegóricas das energias espirituais e psíquicas da percepção humana. O céu e o inferno, constitutivos da interioridade do ser humano, são fantasiados através dos mitos da humanidade, representando conflitos e complexidades das mais variadas energias.

Dentre os vários mitos de formação do universo, escolhi o encontrado na cultura grega, que fala de sua geração através da dança cósmica de

Eurínome - deusa de todas as coisas -, a partir do caos, numa dança criativa, amorosa e selvagem.

"No início era Eurínome, a deusa de todas as coisas. Ela se elevou nua do espaço infinito.

Mas ela não encontrou nada sólido, sobre o que ela pudesse colocar seus pés. Daí ela dividiu o mar do céu e dançou solitária sobre suas ondas. Ela dançou na direção do sul e atrás dela elevou-se o vento. Ela virou-se, apanhou o vento norte e o esfregou entre suas mãos. Daí surgiu Ofíon, a grande serpente. Eurínome dançou cada vez mais selvagem até que Ofíon envolveu-se em seus membros divinos e copulou com ela. Assim ela engravidou do vento norte. Eurínome tomou então a forma de uma pomba, pousou sobre as ondas e, no devido tempo, pôs o ovo do universo. À sua ordem Ofíon deu sete voltas em torno deste ovo até que ele estivesse chocado e se abrisse. Dele saíram todas as coisas: o sol, os planetas, as estrelas e a terra com suas montanhas e rios, suas árvores, plantas e seres vivos". (WOSIEN, 2002, p.13)



Gravura 2: Deusa Eurínome
Fonte: MARASHINSKI, A.
2004.p.81

Na cultura hindu, considerada uma das mais antigas da humanidade, existe a crença de que:

"os deuses são os autores da dança, os inventores de todos os movimentos corporais e também os fundadores do culto à dança. As divindades entram espontaneamente na revolução do tempo, sendo que o mundo torna-se o palco para isto; essas divindades representam o drama de sempre: o viver e o morrer." (WOSIEN, B. 2004. p. 33)

Nessa perspectiva, encontramos o deus Shiva, conhecido como Mahadeva, o supremo dos deuses, um dos três principais deuses do panteão

hindu. Shiva é deus da renovação e, às vezes, é visto com o Nataraja⁹, o deus das artes, o dançarino cósmico que através de sua dança, transforma o mundo, destrói e constrói o universo, sendo também chamado de o Senhor da Dança.



*Fotografia 1: Sri Nataraja, Shiva Dançando, bronze, Índia
Fonte: WOSIEN, 1997. In COUTO, 2008 p.78.*

⁹“A imagem do Shiva dançante baseia-se na ideia de um centro universal giratório, que emite raios em todas as direções, adquirindo a forma do símbolo do círculo. (...) A imagem do Deus dançante aparece como fonte de força, que pulsa no ritmo, e cuja energia flui de dentro para fora, sendo novamente reunida por ele e levada para o centro de sua existência através da dança. O corpo de Shiva é o instrumento de transformação, a vida nasce a partir desse corpo, a vida transcende através dele. A imagem do dançarino divino retrata o perfeito equilíbrio entre a parte superior do seu corpo, com a qual ele age no campo universal, e a parte inferior, terrena. Pelo corpo do deus dançante, o universo adquiriu forma e está presente em todas as partes. A mão superior direita segura o tambor em forma de ampulheta cujo som duplo cria o mundo; a mão esquerda superior, em forma de meia-lua, segura uma língua de fogo da destruição. O som da criação e o fogo da destruição mantém-se em equilíbrio. O pé direito, apoiado nas costas do demônio do esquecimento e da distração. A mão inferior direita eleva-se num gesto de “não tenha medo” e a libertação do ciclo do tempo é prometida, por último pela mão esquerda inferior que aponta para o pé esquerdo levantado. Ambos a mão e o pé representam o caminho para liberdade. A figura de Nataraja está cercada por um anel de fogo, as emanções de fogo de seu próprio poder, que o deus arremessa, de forma dançante, do centro de sua existência para fora, em direção ao universo” (Wosien, G. 2004. p 33-34).

Tudo se move no universo - as galáxias, as estrelas, os planetas - constituindo ritmos, sons, movimentos, dinâmicas próprias que, também, se produzem, internamente, em nosso corpo, através do movimento das moléculas, dos átomos e de sistemas. Analogamente, refletem-se no ritmo do dia, dos ciclos solares e lunares, nas marés e estações do ano.

Nessa direção, Wosien (2002) diz que a dança é a forma artística mais antiga, pois, mesmo antes de expressar suas experiências de vida através dos materiais, o homem o fez com seu próprio corpo. Afirma que, é o modo mais natural do homem harmonizar-se com os poderes cósmicos. O movimento rítmico é a chave para a compreensão das leis que governam as manifestações desses poderes, sendo, portanto, um meio de estar em contato com a fonte da vida.

Os povos antigos dançavam para manter a ordem do Cosmos, pois a dança, assim como outras atividades que levam à integração entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro, traz harmonia para o indivíduo e para o grupo.

Esses povos dançavam em todas as ocasiões: nas celebrações das mudanças de estações, dos nascimentos e mortes; nos momentos de dor e sofrimento, amor e alegria, reverenciando a fertilidade e a ancestralidade. A dança simbolizava os acontecimentos da vida, sendo natural e parte do cotidiano.



Fotografia 2: Dança da Fertilidade de Wakamba, Quênia¹⁰
 Fonte: WOSIEN, 1997. In: COUTO, 2008 p.40

Segundo Rodrigues (2002), dois mil anos antes de Cristo, os sacerdotes de Osíris, que se dedicavam ao estudo da astronomia, já interpretavam seus conhecimentos através das danças. Um altar, colocado no centro do templo, simbolizava o sol e dançarinos giravam em torno, no sentido da evolução dos corpos celestes, com uma rotação calculada que evocava o espaço etéreo, como se estivessem flutuando junto aos planetas e estes lhes desvendassem sua misteriosa vida.

Para Roger Garaudy (1980) a dança não era apenas a expressão e a celebração da relação homem e natureza. Era, também, a realização da comunidade viva dos homens, pois, desde a origem das sociedades, foi por meio da dança e do canto que o homem se afirmou como membro de uma sociedade que o transcende.

"Em outras noites, o silêncio se prolonga. Depois um homem se levanta e dança, depois outro, um terceiro. Os outros olham, mas seus olhos afirmam sua união profunda, sua participação total. A dança continua até tarde da noite, os dançarinos se revezam de tempos em tempos e, quando todos finalmente voltam para a casa, a unidade permanece, a alegria é genuína e o repouso completo. A palavra divide. A

¹⁰ As danças constituíam exemplos de magia imitativa: o bater dos pés simbolizava o movimento do falo, que dá vida, e os saltos, o crescimento das sementes e das plantas (Wosien, B. 1997, in Couto, Y. 2008, p.40).

dança é união. União do homem com seu próximo. União do indivíduo com a realidade cósmica". (BEJART, M. apud GARAUDY, R.,1980, p. 08)

Fontanella (1995) salienta que as forças geradas pela raiz do movimento recarregam o indivíduo no tempo, no ritmo de corpos, no ritmo de Mundos, aproximando-nos da nossa força de origem, da evocação dos poderes cósmicos e das interligações com os outros seres humanos. A tradição cultural de gerações, na simplicidade dos movimentos e padrões básicos da dança, repetidos através do tempo, abre uma continuidade do seu potencial criativo e do fluxo incessante da vida, que não cessa de produzir a si própria das mais diversas formas.



*Fotografia 3: Dança Circular com Músico ao Centro em terracota, século VI a.C., Kestner Museum Hannover
Fonte: WOSIEN, 1997. In COUTO, 2008. p. 65.*

Atualmente, a dança se manifesta em uma grande variedade de formas de expressão: clássica, moderna, contemporânea, de salão, étnicas, populares, biodança, paneuritmia, Danças da Paz, Danças Circulares Sagradas. Nesse contexto, salienta-se a importância das danças populares e

étnicas para a humanidade, pois nos trazem a forma circular e geométrica de suas danças, além de música e melodias de vários povos e tradições antigas. Demonstram uma grande sinergia, aliando movimento e sensibilidade, impregnados pelo cotidiano e pela história das pessoas. Mantêm-se vivas e em constante reprodução, dando a oportunidade de ressignificação dos movimentos dançados por muitas gerações, por muitos povos ao redor do mundo. Criam uma identidade cultural de caráter universal, onde se vivencia a idéia da Unidade do Mundo.

1.2. Bernhard Wosien, do Devaneio à Dança dos Povos



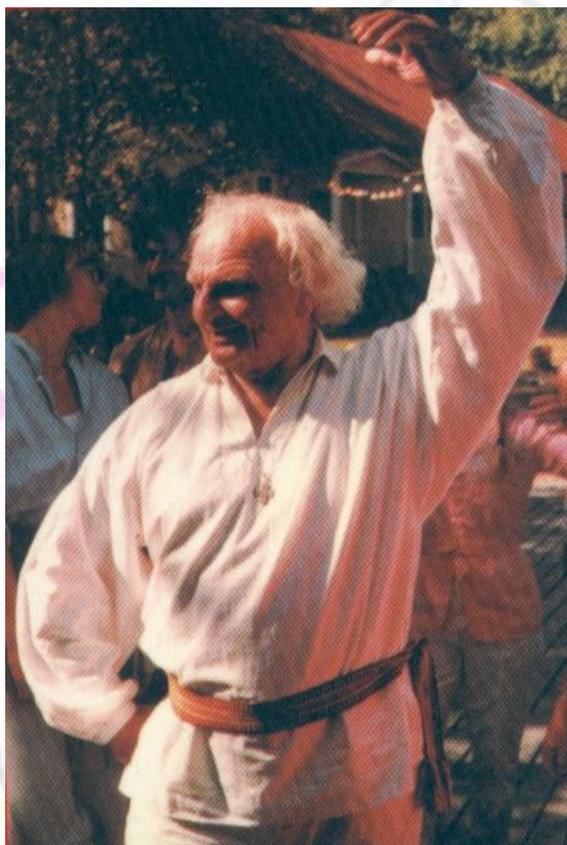
*Gravura 3: Dança dos Ladrões, desenho de Bernhard Wosien
Fonte: WOSIEN, B. 2000*

O movimento das Danças Circulares Sagradas surge nos anos de 1960, com o coreógrafo alemão Bernhard Wosien que, a partir do estudo e vivência das danças étnicas e folclóricas, constitui o que posteriormente chamou de Danças Sagradas.

Essa proposta, que utiliza o círculo como estrutura física da dança, sendo, por isso, chamada de circular, representa uma retomada das antigas formas de expressão de diferentes povos e culturas, sempre acrescidas de

novas criações coreográficas, ritmos e significações (Costa, apud Ramos, 2002).

Para falar do processo de construção desse trabalho que, ao longo do tempo, vem tomando novas formas e incorporando novas danças e culturas, é importante conhecer um pouco dessa história, a partir de seu idealizador, o coreógrafo alemão Bernhard Wosien.



*Fotografia 4: Bernhard Wosien
Fonte: WOSIEN, B. 2000*

Bernhard nasceu em 1908, em Masuren (Prússia Oriental), na pequena cidade de Passenheim, sendo filho de um pastor evangélico, tocador de violino e bom dançarino, e da filha primogênita do barão Richard Von Butler. Muito cedo se envolveu com o movimento jovem alemão, com o canto e a dança. Por algum tempo, estudou teologia, mas percebeu a necessidade de buscar outros caminhos. Na busca por sua profissionalização, começou, a

desenvolver a carreira de pintor e desenhista, mas em pouco tempo descobriu que sua verdadeira paixão era a dança (Wosien,2000).

A partir dessa descoberta, começa sua caminhada como bailarino e, mais tarde, como coreógrafo. Posteriormente, dedicou-se ao ensino da dança. Casou-se e teve três filhos, Gabriele, Christof e Antoinette. Nesse caminho, descobre a dança popular, dirigindo seu amor e prazer para as danças dos povos, para suas riquezas em mitos e poesias. A partir de uma intensa pesquisa em danças folclóricas e étnicas dos povos do hemisfério norte, dá origem ao seu trabalho. Durante uma viagem à Bulgária, relata seu arrebatamento acerca das danças populares:

"Deixei-me arrebatado pela vibração das danças populares, contagiado pelo fogo maravilhoso da comunidade, que realmente dava para sentir fisicamente, em carne e osso. Trespasado por esta nova atmosfera sob céu aberto, senti a brisa fresca dos ventos, me abri para o júbilo das vozes e vi os rostos, vi neles suas vidas. (...) vi as pessoas numa festa e observei nos seus rostos e movimentos influenciados por séculos de preparo da terra. As pessoas se encontram num círculo, se olham. Eles não precisam de espectadores nem tão pouco contam com eles. Logo reconheci o fundo religioso e ritual dessas danças e essa compreensão foi ficando cada vez mais forte. É preciso dançar essas danças, para descobrir isso; é preciso se tornar muito presente para nos apropriarmos delas, para sentir e vivenciar seu efeito curativo e terapêutico." (WOSIEN, 2000, p. 108-109)

Em 1960, despede-se dos palcos e passa a dedicar-se totalmente à Pedagogia. Formou grupos, trabalhou na Escola Técnica para Estudos Sociais em Munique e na Universidade de Marburg, onde ensinou danças de roda como metodologia da pedagogia de grupo. Nessa caminhada de encontro com a Dança Circular Sagrada teve duas grandes seguidoras sua filha: Marie-Gabriele Wosien¹¹, que continuou seu trabalho, pesquisando, coreografando

¹¹ Estudou a tradição das danças dos Dervixes Mevlevi (irmandade que celebra os seus rituais girando ao redor do próprio eixo), em Londres e na Turquia; estudou a filosofia e mitologia hindus, sobre as quais coletou e publicou materiais pesquisados nas suas viagens à Índia (Wosien, 2002). Esteve no Brasil várias vezes, ministrando workshops e cursos de dança em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo

e ensinando as *danças meditativas* e Friedel Kloke-Eibl¹², bailarina e coreógrafa, sua aluna e discípula direta, que colaborou como sua assistente.



Fotografia 5: Marie-Gabriele Wosien em Findhorn Foundation
 Fonte: www.findhorn.org



Fotografia 6: Bernhard Wosien e Friedel Kloke-Eibl
 Fonte: RODA DE LUZ, 2003, p.1 In: COUTO, 2008 p.98

Horizonte, tendo vários livros publicados em português. Em seu último livro “Dança: símbolos em movimento” (2004) reafirma o caminho ancestral e religioso na “oração em movimento”. Escreve: “quando os símbolos são traduzidos em movimento, acordam na alma imagens esquecidas e levamos a experimentar uma profunda consciência de nós mesmos” (Ostetto, L. 2006).

¹² Sob os auspícios de B. Wosien deu início ao primeiro *Centro Para Professores de Dança Sagrada e Meditativa*, onde o próprio foi professor visitante por dois anos. Hoje mantém na Holanda um instituto de dança e movimento, chamado DEMIAN e mantém grupos de formação na Alemanha e na Suíça (*Roda de Luz*, 2003). Esteve pela primeira vez no Brasil em 2003, tendo ministrado cursos de dança em várias cidades, entre elas São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre (Ostetto, 2004).

Em 1976, passa a desenvolver seu trabalho de danças na Fundação Findhorn, comunidade em forma de vilarejo, localizada no norte da Escócia, onde vivem pessoas de várias partes do mundo comprometidas com uma proposta de convivência em grupo, mais amorosa, com valores mais humanos mais solidários. Esta comunidade posteriormente irá torna-se um exemplo de rede internacional na dança dos povos.



Fotografia 7: "Hymnus Christi", dos Textos Apócrifos Atos de João, Coreografia Bernhard Wosien, Representação na Universal Hall, Findhorn, Escócia, 197
Fonte: WOSIEN, 2004, Findhorn Foundation. In COUTO, 2008, p. 63.



Fotografia 8: Bernhard Wosien, Festival de Dança Internacional Findhorn - Escócia, 1986.
Fonte: WATTS, 2006. In COUTO, 2008, p.60

A partir da atuação de muitos entusiastas, que descobriram as dimensões religiosas da dança como verdadeira meta pessoal a ser alcançada, a Sacred Dance - Dança Sagrada - se espalha por grande parte da Europa e, gradativamente, por todo o mundo ocidental. Nesse caminho, de maestria e conexão com o sagrado na dança, Bernhard Wosien chega à conclusão básica de que:

"(...)a dança, como manifestação artística mais antiga do homem, é um caminho esotérico. O trabalho do bailarino acontece no seu instrumento, ou seja, no seu próprio corpo...Na dança como na música, o ser humano consegue exprimir todos os altos e baixos de suas sensações. Na dança sagrada, como oração e conversa sem palavras com Deus, o bailarino encontra o recolhimento. No jogo rigidamente regulamentado, do qual ele desenvolve forças mágicas, na livre manifestação de sentimentos, pendulando entre êxtase, movimento e calma, entre visão e meditação, o homem que dança, liberto pela vontade, sente o hálito da respiração universal. Assim, a dança é simplesmente vida intensificada (...)". (WOSIEN, 2006, p.25)

1.3. Da Escócia ao Solo Mineiro

Na comunidade de Findhorn, Carlos Solano Carvalho, mineiro, arquiteto, consultor de Feng-Shui¹³, entrou em contato pela primeira vez com as Danças Circulares Sagradas. A partir de sua vivência com as danças, encontrou *"o momento em que, libertos da coreografia, conseguimos alcançar um estado de abandono ou entrega, que possibilita a abertura de nosso íntimo e proporciona a exaltação da nossa condição humana"* (Carvalho, apud Ramos, 2002, p.6).

Nesse período teve a oportunidade de conviver com a mestra Anna Barton, quem afirma que: "quando repetimos os movimentos, realizados ao

¹³ O Feng Shui é a antiga arte chinesa de criar ambientes harmoniosos. Originou-se há cerca de 5.000 anos, nas planícies agrícolas da China Antiga. Seu desenvolvimento vem sendo desde então, aumentado e evoluído, chegando aos dias de hoje, como uma disciplina capaz de nos oferecer um sistema completo, nos ligando intimamente à natureza e ao Cósmico.

longo dos séculos por inúmeras gerações, despertamos da memória do planeta Terra, o significado profundo contido em cada gesto". Para ela, "o que diferencia a Dança Sagrada da Dança Folclórica é a consciência com que dançamos; com a Dança Sagrada criamos energia" (Carvalho, apud Ramos, 2002, p.6).

Em 1986, Carlos Solano retornou ao Brasil. De volta a Belo Horizonte, reuniu amigos e dançava informalmente, por puro prazer. Ao longo do tempo, surge um trabalho mais sistematizado que, inicialmente, toma a forma de cursos isolados, e, posteriormente, vai se configurando como aulas regulares e promoção de eventos.

Trabalhou, em Minas Gerais e em outros estados brasileiros, nos mais variados ambientes: clínicas, praças, congressos, universidades, órgãos públicos, centros de cultura, escolas, empresas. Em todos os grupos e encontros, difundia o seu entusiasmo e o seu amor pela dança. Simultaneamente, as danças foram se espalhando por todo o país, através das pessoas que se formaram em Findhorn e em outros locais.

Em julho de 1996, Carlos Solano Carvalho e Renata Ramos, instrutora paulista, também formada em Findhorn, organizaram um grupo de 25 brasileiros para o Festival de vinte anos da Dança Sagrada, em Findhorn. Esse momento histórico representou uma ampliação na divulgação das Danças Circulares Sagradas no Brasil, envolvendo um número maior de pessoas no processo de informação, formação e prática das Danças Circulares.

No Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, as Danças Circulares Sagradas chegaram, mais efetivamente, através do trabalho de Marge Opliger que realizou sua primeira roda de danças em 1993. A partir desse momento, passou a organizar grupos e a promover a

vinda de mestres internacionais, a fim de divulgar e ampliar a participação nas rodas de Danças Circulares.



Fotografia 9: *I Encontro de Danças Circulares Sagradas e da Paz Universal da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer - 2007*
Fonte: BARCELLOS, J. 2008

No entanto, foi a partir de 2002 que o movimento das Danças Circulares Sagradas, em Porto Alegre, RS, se intensificou, tendo por objetivo promover cursos e formações com profissionais do país e de fora dele, possibilitando a ampliação dos grupos e a qualificação de focalizadores. Definitivamente, a Dança Circular Sagrada se instalou como possibilidade de prática corporal e até mesmo espiritual, em Porto Alegre.

1.4. Na Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer



Fotografia 10: Grupo regular de Danças Circulares Sagradas
CEGEB/SME/PMPA¹⁴

Fonte: BARCELLOS, J. 2012

*"Dança que se dança enquanto se dança,
se faz grupo dançante, se faz sujeito,
se faz vida, que pulsa, que brinca,
que se faz vivida".¹⁵ BARCELLOS, J. (2011)*

Essa dança-que-se-dança-junto iniciou sua caminhada institucional a partir do desejo de compartilhar a minha paixão pelas Danças Circulares Sagradas com o maior número possível de pessoas. Mas, principalmente, com aquelas que nunca tiveram oportunidade de vivenciar a dança como uma prática corporal, capaz de nos conduzir ao terreno do sensível e do sagrado. Como diz Maurice Béjart:

¹⁴ CEGEB – Centro Comunitário George Black
SME – Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer
PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

¹⁵ Tenho recitado este pequeno poemu – um poema meu – para os diversos grupos de Danças Circulares onde tenho atuado como focalizadora.

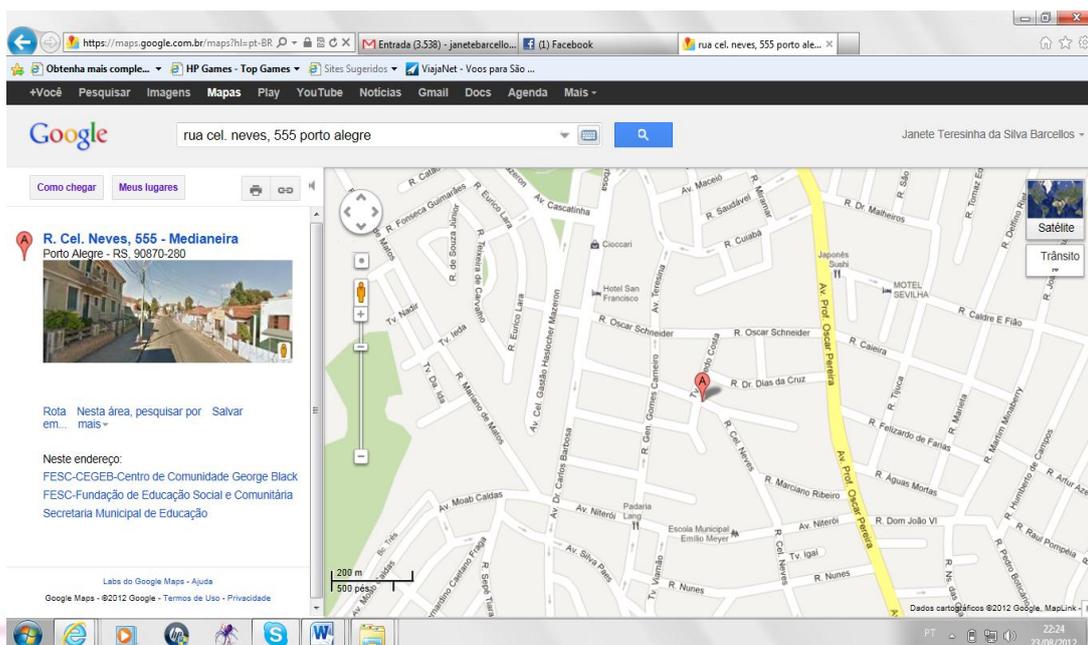
"Dança sagrada - o homem está só diante do incompreensível: angústia, medo, atração, mistério. As palavras de nada servem. Para que dar a isso nomes como Deus, Absoluto, Natureza, Acaso?... O que é preciso é entrar em contacto. O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro". (BÉJART, 1980, p. 08)

Pensando na possibilidade de oferecer e divulgar a prática das Danças Circulares Sagradas, no ano de 2003, criei o primeiro grupo de Danças Circulares da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SME/PMPA), dentro do espaço institucional do Centro Comunitário George Black - CEGEB¹⁶, que atende as comunidades residentes nos bairros Glória, Cruzeiro e Cristal da cidade. O que ampliou a participação da comunidade nas práticas corporais oferecidas pelo Centro. O grupo constituído passou a reunir-se semanalmente e gradativamente ampliou o número de participantes a partir da divulgação dos próprios Dançantes.

Para que o grupo de Danças Circulares Sagradas se constituísse, como um projeto de trabalho inserido no planejamento institucional da SME/PMPA, foi necessário um processo de planejamento e divulgação da atividade, que se deu através de cartazes em locais próximos ao Centro Comunitário, pelo site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre¹⁷ e através de releases em jornais de veiculação na cidade; juntamente com as demais atividades oferecidas à comunidade da região.

¹⁶ Centro Comunitário situado no bairro Medianeira, à rua Cel. Neves, 555. Fone: 3219 9836

¹⁷ Site Prefeitura Municipal de Porto Alegre: www.portoalegre.rs.gov.br



*Mapa 1: Localização do Centro Comunitário George Black
Fonte: Google maps - www.google.com.br*

Levando em conta que os princípios de ação pedagógica da SME são baseados na inclusão, qualificação, ampliação e diversificação do atendimento à população do município de Porto Alegre, a proposta de um trabalho com Danças Circulares Sagradas mostrou-se coerente e sintonizado com esses princípios, já que priorizava o trabalho coletivo e solidário.

Esse projeto foi e é oferecido gratuitamente à comunidade, mediante inscrições prévias realizadas durante todo o ano de acordo com a disponibilidade de vagas. Atualmente dispomos de dois horários semanais para realização dos círculos de Danças Circulares, um que atende ao grupo de iniciantes e outro aos Dançantes que participam da prática há mais tempo.

No que se refere às características dos grupos Dançantes, estes tem sido formados, basicamente, por adultos e idosos, mas, eventualmente, adolescentes e, até mesmo, crianças. Esses adultos e idosos são, em sua maioria, mulheres que se situam na faixa etária entre 40 e 84 anos e, até o ingresso no grupo, não possuíam, em sua maioria, experiências anteriores

com Danças Circulares Sagradas. São em grande parte oriunda da região de abrangência do Centro Comunitário, embora o projeto esteja aberto ao ingresso de pessoas de outras regiões da cidade.

As sessões de Danças Circulares acontecem semanalmente, durante o período de uma hora, com um programa pré-estabelecido para cada dia, sem, no entanto, deixar de aceitar sugestões dos Dançantes, devido à necessidade de repetição ou o simples desejo de vivenciar novamente determinada dança.

Toda sessão de Danças Circulares mantém um determinado ritual, que pode ter variações a partir da formação e interesse do focalizador. O ritual do grupo CEGEB/SME compreende:

1. Preparação do espaço: estabelecer um centro de roda que simboliza o ponto de união; colocar uma flor no centro para nos lembrar da ligação com a terra; momento de acolher o grupo;
2. Uma harmonização inicial, momento em que todos têm a oportunidade de trazer sua atenção para aquele espaço-tempo, sintonizando com o grupo e com os aspectos ligados ao sagrado da dança;
3. Um momento para informes relacionados às atividades de Danças Circulares Sagradas realizadas em outros espaços da cidade, ou de outras atividades corporais abertas oferecidas pela Secretaria;
4. Um espaço para apresentações pessoais, dedicado aos novos integrantes;
5. As explicações acerca de cada dança, posições de mãos e braços, direção da dança na roda e um pequeno comentário

sobre sua origem, suas características e de que forma chegou até nós;

6. Após essas explicações iniciais, a sequência coreográfica é demonstrada para que todos tenham a oportunidade de observar e esclarecer dúvidas;
7. A observação do ritmo da dança, a escuta da música e o olhar atento é fundamental nesse momento para a aprendizagem;
8. Em geral são necessárias algumas repetições para identificar as principais dificuldades individuais ou do grupo;
9. Esclarecidas as dúvidas, dançamos...

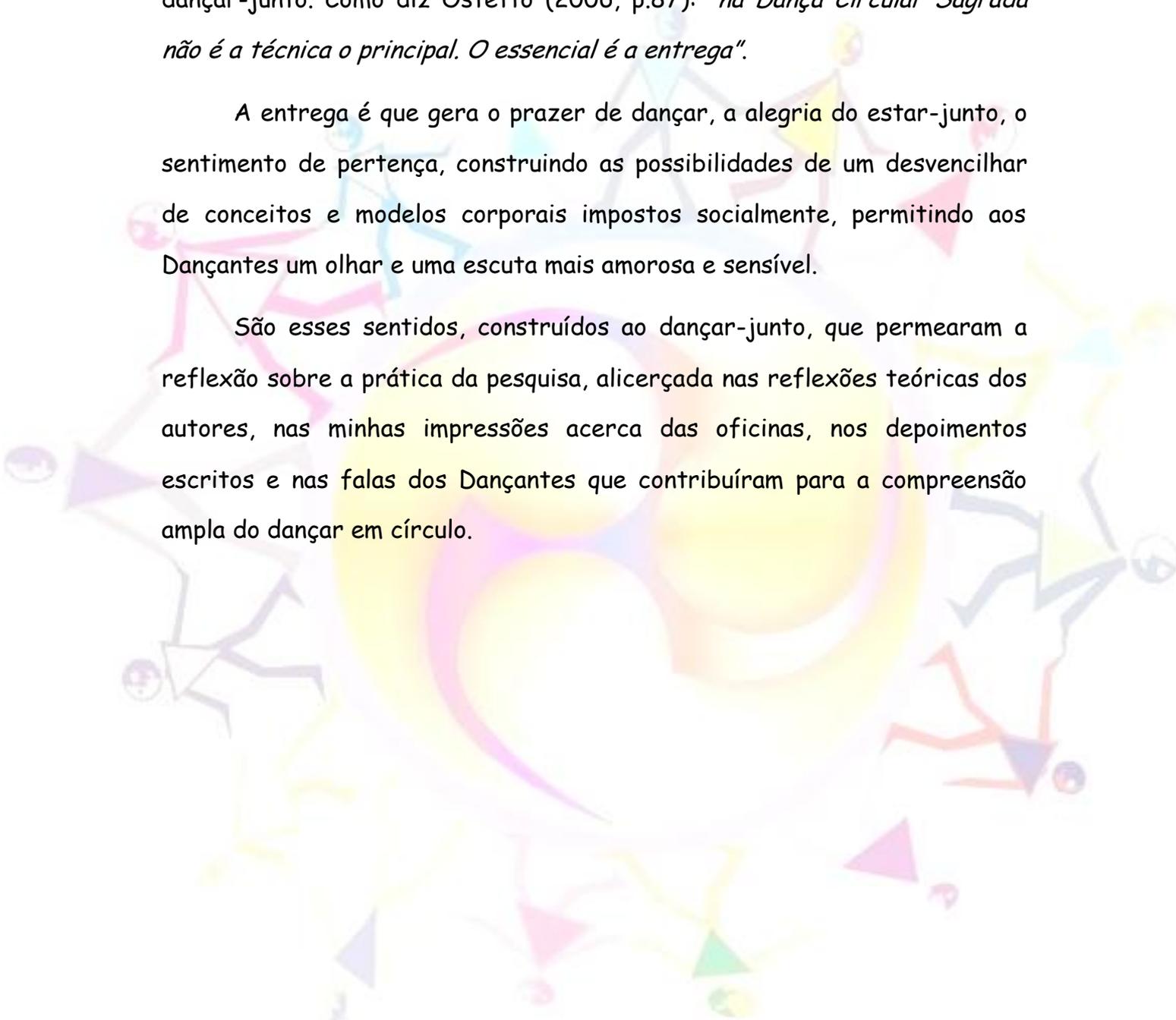
Ao final, os pontos de dificuldade são retomados e repetimos uma determinada dança uma ou mais vezes, de acordo com as dificuldades encontradas e o desejo do grupo de vivenciá-la novamente. Em geral, as danças são de culturas variadas, escolhidas de acordo com a especificidade do grupo, o que determina sua direção e simbolismo. Podem ser danças com coreografias tradicionais ou criadas por outros focalizadores, para que todos possam entrar em contato com uma variedade de tradições e expressões coreográficas.

Em cada sessão dançamos de quatro a seis danças e, ao final, retomamos o círculo, agradecendo a participação e a energia disponibilizada por todos, sinalizando o próximo encontro. Esse momento é de reconexão com o grupo e com a experiência vivida, é de cada um rever o seu processo, lembrando o que sentiu e como expressou os movimentos de cada dança a partir de seu corpo. Tem-se, então, a oportunidade, se assim o quiserem, de expressar impressões acerca da prática realizada ou, até mesmo, dedicar esse momento e a energia produzida para um Bem Comum.

No entanto, esse roteiro apresentado oferece apenas uma vaga ideia da experiência de dançar em círculo, pois nada substitui a vivência direta. É preciso entrar no círculo e dançar para se ter a compreensão do seu sentido mais profundo, e ser, ao mesmo tempo, capturado pela força e beleza desse dançar-junto. Como diz Ostetto (2006, p.87): *"na Dança Circular Sagrada não é a técnica o principal. O essencial é a entrega"*.

A entrega é que gera o prazer de dançar, a alegria do estar-junto, o sentimento de pertença, construindo as possibilidades de um desvencilhar de conceitos e modelos corporais impostos socialmente, permitindo aos Dançantes um olhar e uma escuta mais amorosa e sensível.

São esses sentidos, construídos ao dançar-junto, que permearam a reflexão sobre a prática da pesquisa, alicerçada nas reflexões teóricas dos autores, nas minhas impressões acerca das oficinas, nos depoimentos escritos e nas falas dos Dançantes que contribuíram para a compreensão ampla do dançar em círculo.



2. AS PEGADAS DO CAMINHO

"Cada ser humano que caminha pela face da Mãe Terra possui seu próprio caminho sagrado nesta vida. Este caminho sagrado é criado pelo entrelaçamento dos muitos fios, tangíveis e intangíveis, que ligam nossas emoções, sonhos, pensamentos e experiências. O fio condutor invisível da força vital desabrocha no momento do nascimento e nos conduz através dos altos e baixos do crescimento e do aprendizado da vida no Planeta Terra. (...) Cada decisão que tomamos e cada mudança que ocorre em nossa percepção podem alterar o curso de nosso caminho pela vida, trazendo novas experiências ou horizontes mais largos. Cada vez que alteramos nossas prioridades, mudamos o caminho. Cada vez que nos permitimos usar a imaginação, mudamos nossa visão da realidade. Cada vez que decidimos mudar de direção, desenhamos e redesenhamos nossos estilos de vida, hábitos, prioridades, necessidades pessoais e objetivos". (SAMS, 2003, p.17)

2.1. Trajetórias do Ser-Estar-Junto-Dançando

Busco inspiração nas sábias palavras de Jamie Sams para dar início a esta caminhada, ligando os muitos fios da minha teia de vida, identificando nas muitas pegadas que marcaram, e marcam, a minha existência, aquelas que me permitiram o encontro com a imaginação, o devaneio, o lúdico, o criativo, o sensível. E desses encontros, a conexão com as Danças Circulares Sagradas.



Fotografia nº 10: III Encontro de Danças Circulares Sagradas e da Paz Universal da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer-2009
Fonte: BARCELLOS, J. 2009

Ao pensar em pegadas do caminho, me remeto à reflexão sobre as minhas escolhas e o caráter múltiplo de cada uma delas. Nesse vai e vem incessante de pensamentos e ações, percebo essas pegadas como marcas que ao longo do tempo, foram tecendo infinitas possibilidades em minha vida. Valendo-me das palavras do poeta português Antonio Machado¹⁸: quando diz: *"caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais; caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar"*. Com essa inspiração também me percebo uma caminhante na trajetória das Danças Circulares Sagradas.

Meu maior desafio é iniciar a este processo reflexivo sobre caminhos, histórias, trilhas visíveis e não visíveis¹⁹, permeados de momentos inusitados e surpreendentes, de alegrias e tristezas, de desafios e descobertas, de parcerias e encontros. Histórias essas que se densificam na dinâmica do cotidiano, repletas de sentidos *bem-ditos* e *mal-ditos* que ao longo do caminho, vão dando contornos a uma vida de escolhas, de afetos e de *des-afetos*. Contornos esses permeados por compreensões de mundo, de relações pessoais e sociais, refletidas numa história única e singular que me constitui num Ser-no-Mundo. E que reivindica uma presença permeada por um ser-estar-dançando-junto...

Os caminhos que apresento me constituem enquanto mulher, companheira, mãe, coordenadora de Centro Comunitário, pesquisadora, intensamente preocupada e encharcada de relações com a família, os amigos, os colegas, os mestres, os grupos, com os quais tenho construído histórias. No entanto, nesse processo de contar-me, precisei fazer escolhas com aqueles encontros e eventos que mais fortemente

¹⁸ Os poemas de António Machado foram transcritos da 2ª ed. (revista e aumentada) de uma Antologia Poética (com seleção, tradução, prólogo e notas de José Bento), da editorial Cotovia (1999). http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Machado

¹⁹ Considerando a existências de trilhas que em função do momento da experiência ainda não podem ser vistas, mas que ao longo da caminhada podem dar-se a ver.

influenciaram minha relação com a dança e, posteriormente com a Dança Circular Sagrada. Essas escolhas me instigaram a um olhar reflexivo, e até mesmo apaixonado, sobre o dançar nas Danças Circulares Sagradas; sobre essa prática corporal que une através do círculo, que remete à dimensão do sensível, do desconhecido, do mistério, que estabelece um diálogo entre a música, o movimento e o grupo de Dançantes.

Início o contar-me com algumas recordações da minha infância. Chego às lembranças dos boleros dos anos de 1960, tão bem cantados e expressos pela voz rouca e passos de dança da minha mãe que ensaiava à beira do tanque de lavar roupas. Ainda hoje reverberam em minha memória e em meu corpo... Venho de uma família tipicamente brasileira, de etnias negra, branca e índia. Na sua dinâmica de relações, a dança e a música estavam sempre presentes nas festas de aniversário, nas celebrações religiosas, ou, até mesmo, nas festas que simplesmente celebravam o encontro.

Nos últimos anos do Ensino Fundamental, aventurei-me a me expressar através da dança e do canto, vinculando-me ao coral de minha escola católica, ligada à congregação Marista²⁰ e a uma banda de colegas. Aos quatorze, tomei contato mais fortemente com a tradição religiosa da Umbanda, influenciada por minha família de origem materna, momento em que pude, além de uma prática espiritual, exercitar a musicalidade através dos cantos religiosos. Iniciei, assim, meus primeiros passos com a percussão.

Quando adulta, já graduada em Educação Física, afastei-me da prática religiosa e dediquei-me a questões de caráter mais político e à prática mais formal da dança e do canto. Participei de vários grupos, inicialmente jazz e dança contemporânea e, posteriormente, de um grupo de

²⁰ O Instituto dos Irmãos Maristas, vinculado à Igreja Católica Romana, tem por Missão a evangelização de crianças, jovens e adultos por meio da educação. O fundador do Instituto, São Marcelino Champagnat - um camponês que se tornou sacerdote, educador e santo - entendia a educação como o meio privilegiado para a formação integral do ser humano e a transformação do mundo.

danças afro, chamado Afro-Sul²¹, onde pude entrar em contato com as tradições e danças afro-brasileiras.

No ano de 2001 iniciei minha participação em um grupo de mulheres vinculado a UNIPAZ-Sul²² - Movimento Tendas e Clãs do Sul - Tendas da Terra e da Lua, destinado a buscar uma maior ligação com a natureza e com as tradições ancestrais. A Dança Circular era uma das práticas desenvolvidas. Fiquei encantada. Enfim, havia encontrado o encantamento da dança e do ritmo e, ainda, a possibilidade do exercício do canto. Dançar sem a preocupação com o movimento correto, mas com o que ela nos inspirava, com o estar dançando no grupo, em círculo, conectadas com o Sagrado²³.

Foi a partir desse êxtase inicial pela Dança Circular Sagrada que aventurei-me na busca de novos cursos, *workshops*, vivências e palestras, a fim de qualificar e aprofundar meus conhecimentos sobre sua prática e focalização²⁴, o que efetivamente ocorreu a partir do ano de 2002. Essa imersão teórica e prática no campo das Danças Circulares Sagradas foi o estímulo para a formação dos grupos de danças do Centro Comunitário George Black - CEGEB, da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer - SME, com os quais desenvolvo este trabalho.

²¹ Criado em 1974, o Grupo Afro-Sul de Música e Dança é uma escola popular de formação artística, que contribui para a formação do cidadão, estimulando o pensamento crítico e a auto-estima de afro-descendentes e interessados em cultura afro. <http://afrosulodode.com/>

²² UNIPAZ-Sul - A Rede Internacional Unipaz foi criada para, dentro de uma rede de campi e de um movimento mundial com as pessoas e instituições afins, disseminar uma Cultura de Paz entre os vários segmentos sociais, promover a inteireza do ser e a ampliação de consciências divulgando o paradigma holístico. Possui campi em várias regiões do país e a sede da Reitoria da Universidade é em Brasília.

²³ “Das concepções do sagrado na dança, como diante das próprias percepções, tem-se esse espaço mítico e objetivo vivido no instante presente, em que o momento da dança no tempo sagrado se revela. Como enfatizou Eliade (1995), nesse instante cria-se uma possibilidade do *religare*, ou seja, do momento em que há a religação do ser, da fonte divina à essência²⁵ do humano. Essa conexão com a essência de cada um amplia-se ao encontro com a essência do outro, o que através da dança gera uma comunhão que pode se expandir a todos os seres” (Couto, Y. 2008. p. 114)

²⁴ Ato de focalizar exercido pelo Focalizador – é aquele que mantém o foco de uma vivência, ou seja, aquele que orienta e apóia as pessoas numa vivência, dirigindo-as na direção de um objetivo. (...) *o focalizador mantém algo mais que a simples ordem física das coisas*. Ele faz uma conexão com energias mais sutis que dão apoio à vivência do grupo em questão, sentindo as vibrações harmônicas e desarmônicas (Ramos, R. 2002, p.189).

Quando iniciei as atividades de Danças Circulares no Centro Comunitário já desenvolvíamos atividades com ginástica e yoga para adultos e idosos. A criação do grupo de Danças Circulares ampliou o tipo de prática oferecida e possibilitou o conhecimento de uma prática corporal mais ligada ao sagrado e à espiritualidade.

Ao assumir a coordenação do Centro em 2010, pude ampliar as atividades relacionadas às Danças Circulares Sagradas, promovendo eventos e oficinas com esta temática. Institui-se assim, as vivências mensais de Danças da Paz Universal²⁵ e potencializaram-se os encontros anuais de Danças Circulares Sagradas e da Paz Universal que já ocorriam desde o ano de 2007, com a participação de outros focalizadores de Danças Circulares de Porto Alegre.



Fotografia nº 11: I Encontro de Danças Circulares Sagradas e da Paz Universal

da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer - 2007

Fonte: BARCELLOS, J. 2007

²⁵ São Danças Circulares cantadas criadas nos anos de 1960 pelo mestre sufi Samuel Lewis – estudioso das mais variadas tradições religiosas, principalmente, o sufismo, o cristianismo, o judaísmo e o hinduísmo, e tinham por objetivo, dançar e cantar as várias tradições religiosas, construindo uma perspectiva de paz entre os povos.

2.2. Experiência do Dançar-junto: Disposições ético-afetivas para pesquisa:

Dançando a vida

*"Dançando a vida na mágica possibilidade
de conhecer e conhecer-se
Assim, no dançar de corpos, mentes, sensibilidades,
alegrias tristezas e prazeres.
Descobrimo a cada momento novas mulheres
e novos homens. Seres enfim, conectados
com a plenitude de ser Humano".²⁶*

(BARCELLOS, 2008)

Era um final de tarde de quinta-feira como tantos outros de nosso frio outono porto-alegrense...

Danças animadas para espantar o frio, alegria e parceria. Dançarinos de idades variadas, capacidades variadas, corpos diferentes e únicos...

A sala grande, repleta de luz e aromas, repleta de sons e sorrisos. Os pares se formando, se organizando. E eu, olhar aguçado, coordenando o som. O tempo parecia infinito...

E, então, num determinado momento na execução da Irish Mandala - Dança Circular de tradição irlandesa -, dançada aos pares, em dois círculos concêntricos, com homens no círculo de dentro e mulheres no círculo de fora, onde realizamos troca de pares, a partir de movimentos alegres, de encontro e celebração, uma grande descoberta: é possível dançar mesmo sem conhecer bem os passos ou a música, existindo apenas a mão que toca, que segura, que apoia, que ajuda a andar, que sustenta o desafio, a mão que

²⁶ Esse poema, composto em 2008, inicia o relato sobre minha história e sua relação com a dança e o canto, expressando de alguma forma minha compreensão em relação à dança e do quanto ela é constitutiva de minha identidade.

ajuda a dançar. Quanta alegria nos rostos, nos corpos, na plenitude dos gestos de mais puro agradecimento!

Ao visualizar essa cena singular, apoiada na perspectiva de uma razão sensível²⁷, pergunto-me:

Que dinâmica é essa que possibilita que corpos dancem e se toquem solidariamente, danças de povos e culturas muitas vezes diversas, desconhecidas e até mesmo contrastantes?

Que sentidos são esses, constituídos no dançar em círculo?

Que histórias são essas que permitem que esse estar-junto-dançando se constitua nesse espaço de convivência solidária?

E a partir dessas desacomodações, e questionamentos na condição de observadora e não somente de dançante, juntamente com a surpresa do dar-se conta do simples, do comum, vivenciado no cotidiano da dança, busco a compreensão desse complexo emaranhado de relações.

As experiências, que me conectaram com as Danças Circulares Sagradas, levaram-me a perceber o quanto estas podem ser capazes de constituir uma pulsão de manifestação de vida, ligada à experiência cotidiana. Uma pulsão que se expressa por uma "*libido sciendi*, um saber erótico que ama o mundo que descreve", como a expressão de um querer viver, de uma vontade, de uma socialidade pulsante (Maffesoli, M. 2008. p.194).

Esse querer viver nas Danças Circulares Sagradas se manifesta pela disponibilidade para a prática, no desejo do querer estar-junto-dançando, na sensibilidade expressa pela escuta das experiências dos outros e pela empatia que fazem com que cada participante se perceba tecendo essa rede

²⁷ Perspectiva de Maffesoli (2008), que considera a sinergia entre os domínios da razão e do sensível. Incluindo aspectos relacionados ao afeto e ao emocional que emergem da vida privada e passam a fazer parte dos fenômenos sociais.

de relações a partir de uma experiência/vivência complexa de caráter intelectual e intuitivo, ou seja, na perspectiva de uma *razão sensível*.

Busco vislumbrar como essa razão sensível se dá nesse estar-junto-dançando, no sentido de perceber como essa disposição rítmica para o dançar transita de uma disposição individual para uma disposição coletiva, e de como a Escuta e o Olhar sensíveis são capazes de constituírem relações de aceitação e pertencimento no grupo de Danças Circulares Sagradas.

A dinâmica das sessões das Danças Circulares Sagradas nos colocam no campo da experiência do dançar-junto, constituindo-se como uma linguagem que é, ao mesmo tempo, histórica, corporal e intelectual. Leva em conta que o processo de compreensão da dança é singular e único e que depende da experiência de cada sujeito dançante. Scott ressalta que:

"A experiência tanto pode confirmar o que já é conhecido como perturbar o que era dado como certo (quando diferentes sentidos estão em conflito reajustamos nossa visão para levar em conta o conflito ou resolvê-lo - esse é o resultado de "aprender com a experiência", embora nem todos aprendam a mesma lição ou aprendam na mesma época ou da mesma maneira). A experiência é uma história do sujeito". (SCOTT, J. 1991. p.17)

Nesse sentido, a experiência do dançar nos convida a entrar no terreno do desconhecido, do sensível, do transcendental, onde a presença do outro é fundamental na constituição e manutenção dos vínculos de pertença que mantém a unidade do grupo, sem, contudo desconsiderar a diversidade contida em cada sujeito dançante. A Dança Circular Sagrada pode ser considerada inclusiva, solidária e cooperativa; permite experimentar um estar-junto alicerçado pelos laços emocionais a partir do dançar em círculo; constitui o que Maffesoli define como uma ética da estética;

"o gosto que são partilhados tornam-se cimento, são vetores de ética. Para ser mais preciso, denomino ética, uma moral "sem obrigação nem sanção"; sem outra obrigação que a de unir-se, de ser membro do corpo coletivo, sem outra sanção que a de ser excluído, se cessa o interesse (inter-esse) que me liga ao grupo. Eis a ética da estética: o fato de experimentar junto algo é fator de socialização". (MAFFESOLI, 2005, p37)

Sendo assim, as Danças Circulares Sagradas apresentam-se como esse fator de socialização capaz de unir aqueles que veem na dança uma possibilidade de constituir encontros e relações, permeadas pela música, pelo ritmo e pelo movimento. E é através do ritmo, da música e do movimento que os sujeitos dançantes são colocados em sintonia com o círculo e com a ancestralidade de cada dança, capaz de estabelecer uma nova frequência de vibração energética, diferente daquela que experimentamos em nosso cotidiano.

Nas Danças Circulares Sagradas a ênfase não está na técnica de execução correta dos movimentos - *performance* - mas no estar-junto-dançando, no espaço-tempo da experiência. No círculo de danças é possível observar que o Olhar e a Escuta sensíveis são provocadores de efeitos de sentido, perceptíveis nas formas como se dá o acolhimento, a tolerância ao erro, a compreensão solidária, o fluir da dança.

O erro, a dúvida, a falta de perfeição no gesto, constituem-se em parte do dançar, no processo individual e coletivo do aprender dançando em uma espiral de conhecimento onde, a cada giro, acrescenta-se mais e mais, delimitando novos territórios de reconhecimento e aceitação. Lembrando Maffesoli,

"(...) é o olhar e, pode-se acrescentar, o "dito" dos outros, que me constitui e que delimita o território onde nos reconhecemos, onde nascemos, sempre e de novo, juntos". (MAFFESOLI, M. 2005, p.265)

O círculo de dança, metaforicamente, representa um espaço de igualdade, de cooperação e de solidariedade, onde não existe a tradicional diferenciação entre aprendiz e mestre, pois todos estão a uma mesma distância do centro, possibilitando verem-se como um todo diverso. No círculo tudo converge para o centro. É nele que estão simbolizados a fonte, a criação, a luz, o ponto comum que une a todos (Ostteto, L. 2010).



*Fotografia nº 12: I Fórum de espiritualidade - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade - NIETE - da Universidade Federal do Rio do Sul, 2007.
Fonte: BARCELLOS, J. 2007*

Essa ideia do círculo remete a um grupo coral, vozes diversas, timbres únicos, tons diferenciados, que buscam, nessa diversidade, a harmonia capaz de produzir arranjos e belas sonoridades, de contagiar a quem canta e a quem ouve. Evoca o Divino, o Sagrado, no qual transitamos quando nos propusemos a dançar em um círculo de Danças Circulares Sagradas. Segundo Bernhard Wosien (2006, p.42), "o círculo é tido como símbolo original da eternidade e é um reflexo daquele círculo no céu noturno, o zodíaco, do qual todos nós descendemos".

"A experiência de dançar no círculo é particular e polissêmica. Nesse sentido, um dos aspectos importantes de se ressaltar é a entrega do participante. Basta ir, sem receio de fazer errado; deixar-se ir ao encontro do incerto e aventureiro dos passos na roda. Mas é necessário o desejo, a disposição para o reconhecimento das polaridades da vida, para poder respeitar o ritmo interno, ser fiel ao seu tempo. Ao ficar frente a seus limites, ao admitir o espaço do erro, fica como que franqueada uma passagem para cada qual olhar para dentro, apropriar-se da expressão e coragem interdita ou reprimida, ouvir a própria voz e acreditar no seu eco e direção (que podem até destoar do mundo em geral, mas em algum lugar ressoa (...))." (OSTETTO, L. 2004, p.120)

Deixar-se arrebatado é entrar no fluxo do movimento, onde é possível encontrar uma perfeita harmonia entre corpo e espírito. Encontrar o outro num espaço de exposição mútua - o círculo - nos expõem à diferença, aos nossos limites, mas também à noção de unidade.

"O encontro é a possibilidade de aproximar duas regiões de significado, dois campos de energias em frequências diferentes e de fazê-los vibrar juntos. O encontro é simpatia, é com-paixão, sentir-com-o-outro. É a possibilidade de descobrir que o sentido não nos pertence e surge do encontro, mas ao mesmo tempo, que só podemos produzi-lo. Por isso o encontro com o outro é uma viagem vertiginosa dentro do sentido. O cotidiano é o espaço da presença e da perda, e nessa viagem os outros são simultaneamente os nossos guias e as miragens que nos fazem perder o rumo." (MELUCCI, 2004, p.129)

Na aventura do dançar-junto se estabelece uma malha de reflexividade que possibilita viajar no terreno do sensível e do multidimensional, materializado na compreensão de cada dança, na escuta de cada música, na execução de cada movimento. Maffesoli (2005), considera a ética como algo particular, e às vezes momentâneo, capaz de fundar uma comunidade, criada a partir de um território dado, seja ele real ou simbólico; e a estética como o conjunto da existência, como "um fato existencial", presente em todas as esferas da vida, como sendo as diversas e distintas maneiras de existir.

Esse entendimento de ética e de estética desafia a compreensão para esse estar junto versátil, constitutivo de socialidade, ou seja, da complexidade do social que se manifesta de forma microcós mica no grupo de Danças Circulares Sagradas. Nesse estar-junto-dançando nos ligamos pelo emocional, pelo afeto, formamos laços sociais e emocionais de forma que o que é vivido na simplicidade do cotidiano adquire novos contornos. Nesse sentido, Maffesoli ressalta que:

"O laço social torna-se emocional. Assim, elabora-se um modo de ser (ethos) onde o que é experimentado com outros será primordial. É isso que designarei pela expressão: ética da estética" (MAFFESOLI, 2005, p.12)

É a presença do outro e do grupo como um corpo social²⁸ que confere sentido ao estar-junto na convivência; que exige um espaço de troca onde as presenças do erro e da dúvida representam um grande investimento contra a individualidade, a incerteza, a fragmentação; que exige cuidado no sentido de perceber a experiência do dançar como um fluir do sensível, do comum, do que faz parte da vida cotidiana.

A experiência do dançar é única, singular, metafórica e mutante. A cada explicação e percepção criam-se novas similitudes, definições, leituras que nos transportam para outra percepção metafórica da realidade que muda constantemente.

É a partir das experiências, substrato dos laços emocionais relativas da dança e do grupo, que se concretiza a possibilidade de incorporação do dançar na vida cotidiana, ampliando a consciência relativa aos sentidos que as danças tiveram e têm em suas vidas e gerando novas experiências e aprendizagens.

Esse constituir-se enquanto grupo, esse desejo de fazer parte, demonstra um querer viver do sujeito dançante capaz de mudar e

²⁸ Corpo animado. Um corpo construído a partir da união de contrários, um corpo que alia, ao mesmo tempo, o material e o espiritual, o sensível e o inteligível (Maffesoli, 2008. p. 184).

transcender as relações inicialmente constituídas no grupo. Assim, a Dança Circular Sagrada apresenta-se permeada por essa ideia de um vitalismo social criativo e provocante, anunciado por Maffesoli (2008), como um saber integrador capaz de deixar fluir a emoção, enraizada na experiência dos dançantes.

Nesse sentido esta pesquisa busca dar visibilidade à experiência do dançar e ao sujeito Dançante, levando em conta a dimensão do sensível contida nos gestos, palavras e olhares. O grupo de Danças Circulares Sagradas apresenta-se como um círculo de trocas, de construções coletivas, onde é possível descobrir outros sentidos, atravessar fronteiras, ver as coisas de um modo diferente, abrir-se para a curiosidade para o desafio e para a criação.

2.3. Os Corpos Dançantes

"Os movimentos corporais são uma constante na evolução humana, uma necessidade cultural e social, através da qual as civilizações manifestam comportamentos pela ludicidade, religiosidade, pela arte". (COUTO, Y. 2008. p.32)

O corpo, através dos gestos, se coloca como uma possibilidade prática de expressão dos movimentos que refletem padrões de comportamento de caráter cultural, histórico e social, pressupondo um conjunto de valores e sentimentos que são expressos através das ações humanas, constituídas nesse estar no mundo.

No entanto, na busca de explicações para as ações e dimensões que envolvem essa corporeidade, o ser humano acaba dividido em partes, estabelecendo um dualismo entre corpo e alma, corpo e mente, corpo e espírito, sem perceber-se enquanto totalidade. Estudos recentes sobre a

corporeidade humana²⁹ buscam superar e refletir sobre a indissociabilidade entre as dimensões constituintes da unidade do ser humano. As Danças Circulares Sagradas se constituem como uma prática corporal possível e diferenciada, capaz de trazer a discussão da corporeidade e do corpo para o terreno do sensível e do encontro com o outro.

Merleau-Ponty (1971) focaliza, em seus estudos sobre o corpo, o lugar do gesto como sendo a incorporação da expressão e da percepção na significação da realidade. Entende o ser existindo no mundo a partir da afetividade, compreensão e expressão, numa mesma dimensão de importância, sendo fundantes da constituição do ser. São modos de existir aí (Couto, Y. 2008).

Na perspectiva de compreender que corpo é esse, que se movimenta e se relaciona nos círculos de Danças Circulares Sagradas apoio-me na compreensão de *corpo próprio* de Merleau-Ponty (1971). Esse autor mostra a intrínseca relação entre as experiências do movimento no estar-no-mundo enquanto um corpo que se percebe no mundo, com suas inúmeras inter-relações e possibilidades, um corpo próprio, que é um corpo no tempo e no espaço, que está ligado ao mundo pela intencionalidade que descobre e confere sentido ao que o rodeia.

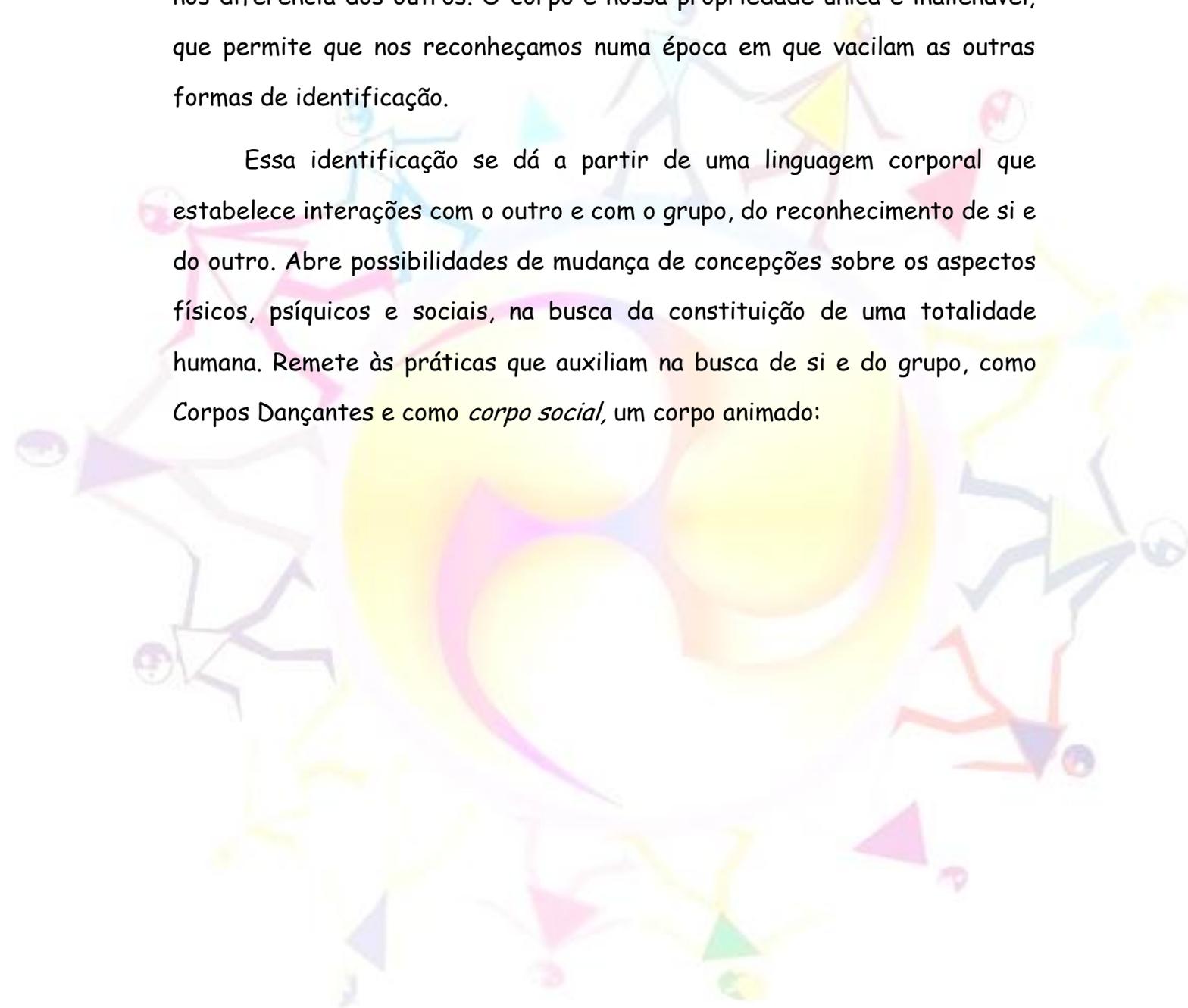
Corpo próprio que é, movimentando-se, sendo sexuado, sendo afetivo, sendo sensível, sendo desejante; que é e se transcende, quando se expressa e fala, com o silêncio dos seus movimentos e expressões, que transforma as ideias em coisas, assegurando essa metamorfose, simbolizando a existência, realizando-a, sendo sua atualidade. Nessa perspectiva chamarei os corpos que dançam nos círculos de Danças Circulares Sagradas de Corpos

²⁹ Desde os anos de 1980 vários autores tais como: João Medina(1995), Silvino Santin (1987), João Batista Freire (1991), Maria Augusta Gonçalves (1994), entre outros, têm dedicado seus estudos a reflexão acerca da corporeidade na prática pedagógica em educação física, à luz do pensamento complexo (João, R. Brito, M. 2004).

Dançantes, pois estes se constituem nessa multidimensionalidade da compreensão do corpo e na complexidade da realidade do grupo.

Segundo Melucci (2004), o corpo invade nossa experiência cotidiana. É, para cada um de nós, o espaço pessoal, o campo daquela consciência que nos diferencia dos outros. O corpo é nossa propriedade única e inalienável, que permite que nos reconheçamos numa época em que vacilam as outras formas de identificação.

Essa identificação se dá a partir de uma linguagem corporal que estabelece interações com o outro e com o grupo, do reconhecimento de si e do outro. Abre possibilidades de mudança de concepções sobre os aspectos físicos, psíquicos e sociais, na busca da constituição de uma totalidade humana. Remete às práticas que auxiliam na busca de si e do grupo, como *Corpos Dançantes* e como *corpo social*, um corpo animado:



3. OS CAMINHOS DA PESQUISA

*Canção do Bailarino
Bernhard Wosien*

*Tu que moves o mundo moves,
Moves tu também a mim
Tu me agarras fundo e
Me elevas junto a ti.
Eu danço uma canção do silêncio,
Segundo uma música cósmica
E ponho o meu pé na borda dos céus
E sinto como teu sorriso me faz feliz.*

3.1. Disposições Teórico- Metodológicas do Dançar-Junto

Os meus encontros com a Música, a Dança, a Dança Circular Sagrada, o Sagrado, a Espiritualidade, possibilitaram a construção de referenciais teóricos que acolhessem essas vivências constituindo uma teia de conhecimentos e reflexões que pudesse compreender a complexidade do vivido no cotidiano do círculo.

No entanto, o grande desafio da pesquisa residiu na reflexão acerca da relação que se estabelece com o outro no dançar-junto, onde a Presença, o Ritmo, a Escuta e o Olhar sensíveis, se evidenciam. Sem esquecer que lidamos com o inusitado, com o que independe de desejos ou de ideias exclusivas, mas sim, com o que é construído na relação que se estabelece no círculo de danças.

Para afinar essa percepção do que se dá a ver, busco um olhar desapegado, um olhar de aceitação das possibilidades latentes que pulsam que dão forma, cor e som ao que é percebido, que legitimam quem se dispõem a aprender de uma maneira multidimensional, com conteúdos que se

ligam diretamente à vida. Conforme Ostetto (2006, p. 5): "Buscamos a inteireza? A palavra divide, o círculo da dança une".

Assim, procuro tornar visível o que permeia esse estar-junto, destacado por Maffesoli (2008) como sendo a possibilidade de construção de relações baseadas na convivência, na afetividade, na partilha daquilo que sensibiliza e que socializa o cotidiano.

Mas como perceber esses vários vínculos estabelecidos, esse sentimento de pertença na constituição do corpo social, onde todos os Corpos Dançantes se percebem como parte constitutiva do todo?

Que ligação, que cola se estabelece a fim de manter os sujeitos, partícipes do grupo, levando em conta as particularidades próprias do grupo?

Que histórias relacionadas à dança na vida desses Corpos Dançantes foram motivadoras para ingressarem e permanecerem no grupo?

Como a Escuta e o Olhar sensíveis podem ser constitutivas desse estar-junto-dançando?

Como a Presença e o Ritmo podem contribuir para a constituição de um corpo como memória?

De que forma a Dança Circular Sagrada pode se constituir como uma Pedagogia do Sensível?

Essas questões definem um querer viver que instaura no grupo e na pesquisadora, uma leitura de mundo que passa por uma razão sensível, carregada dos sentimentos e das emoções vinculadas ao que ocorre na cotidianidade, a partir de um ser-estar-junto-dançando. Lembrem o que afirma Maffesoli (2005), de que não é mais possível deixar de perceber aquilo que emerge do cotidiano:

"(...)pode-se dizer que o fato culinário, o jogo das aparências, os pequenos momentos festivos, as deambulações diárias, etc. não podem mais ser considerados como elementos sem importância e frívolos da vida social. Enquanto exprimem as emoções coletivas, eles constituem uma verdadeira "centralidade subterrânea", um irreprimível querer viver que convém analisar. Há autonomia das "formas" banais da existência que numa perspectiva utilitária ou racionalista não tem finalidade, mas que não deixam de ser plenas de sentido(...)". (MAFFESOLI 2005, p.27)

Acrescentaria a esses elementos, a prática de Danças Circulares Sagradas, pois também exprimem emoções coletivas, relacionadas às manifestações culturais, aos sentimentos e emoções. No entanto, é necessário apresentar a Dança Circular Sagrada a partir da sua dinâmica interna, dos seus encontros, dos seus devaneios, da sua capacidade de abrir novos sentidos a partir de uma experiência, que acolhe o não conhecido, através do exercício da Presença, do Ritmo, do Olhar e da Escuta sensíveis. Para tanto, foi necessária a elaboração de uma situação-problema de pesquisa, que contemplasse essas reflexões iniciais:

Levando em conta a complexidade do que é vivido na cotidianidade do estar-junto-dançando; como a Presença, o Ritmo, o Olhar e a Escuta sensíveis se manifestam nos depoimentos e reflexões dos Corpos Dançantes, na perspectiva de construção de uma Pedagogia do Sensível?

Ao me deparar com esse desafio da pesquisa me vi mergulhada em teorias, abstrações, reflexões. Por ter uma trajetória profissional eminentemente vinculada à atividade prática, num primeiro momento, experimentei o desconforto de pensar que talvez esse não fosse o meu lugar. Mas no percurso dos estudos e das reflexões, aprofundei a minha convicção de que a Dança Circular Sagrada pode ser um importante veículo de relação e construção pedagógica.

Iniciei o caminho através do círculo com aqueles que se dispuseram a essa aventura reflexiva, os sujeitos da pesquisa, e pela definição de que tipo de pesquisa qualitativa, métodos, instrumentos, de como se daria a análise dos dados obtidos. Assim, fiz opções, com vistas a aproximar o que tinha definido como situação-problema de pesquisa e a forma de obtenção dos dados para a reflexão e análise.

Optei, então, por usar uma técnica de entrevista coletiva - o Grupo Focal - acerca das questões relativas às percepções dos Dançantes sobre o dançar em círculo. No entanto, ao longo das sessões do Grupo Focal, percebi a necessidade de ter mais dados sobre a relação dos Dançantes com a dança em geral e, mais especificamente, com a Dança Circular Sagrada. Assim, criei um roteiro de questões para que cada um, por escrito, pudesse trazer seu depoimento sobre a sua experiência com a Dança, o que resultou em um significativo acervo de dados sobre essas relações e motivações.

Usando a metáfora do megafone, essa estratégia metodológica ampliou a "voz" da experiência de quem, de alguma forma, apresentava dificuldades de se expressar no grupo, como é bem dito no seguinte fragmento escrito no relato de um dos Dançantes:

"Aos meus 10 anos de idade, mais ou menos em 1938 - como acontece com praticamente todas as crianças - alegrei-me com músicas e danças alemãs, em Ibirubá, interior do Estado do Rio Grande do Sul, que eram cantaroladas por meus irmãos mais velhos, em casa, após terem voltado de um baile do dia anterior. E aos 15 anos, igualmente dancei pela primeira vez durante o casamento de um dos meus irmãos. Na maioridade tive uma predileção por músicas e danças folclóricas, cujo interesse aumentava à medida que ia conhecendo o folclore musical de outros países e culturas. E somente em 2008, algo me chamou a atenção ao esperar, do lado de fora, o meu horário de yoga no CEGEB, em Porto Alegre, quando ouvi uma música alemã, que havia aprendido aos 10 anos de idade com meus irmãos mais velhos, que estava sendo executada por um grupo de Danças Circulares, no horário anterior. Perguntei a prof^a Janete Barcellos o nome da música dançada - Era o chotis "Sieben Tritte" (Sete Passos). E foi essa música do meu tempo de criança que me fez atrair para o Grupo de Danças Circulares." (Levino Guilherme Schneider, 84 anos - Depoimento maio de 2012)

Mas como organizar a reflexão em relação aos dados obtidos através das filmagens do Grupo e através dos depoimentos por escrito?

Busquei considerar, durante o processo da pesquisa, sobre as relações constituídas, a partir de disposições metodológicas³⁰ como intuição³¹, empatia³², o Olhar e a Escuta sensíveis, a fim constituir um conteúdo e procedimentos de pesquisa coerentes com a circularidade da Dança Circular Sagrada, dando uma especial atenção à intuição.

³⁰ Parte da compreensão de que: “ O afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separadas em um domínio à parte, bem confinados na esfera da vida privada; não são mais explicáveis a partir de categorias psicológicas, mas vão tornar-se alavancas metodológicas que podem servir à reflexão epistemológica, e são plenamente operatórias para explicar os múltiplos fenômenos sociais” (Maffesoli, 2008.p. 53).

³¹ Jung atribui um valor essencial à intuição como guia, como aquela que conduz-nos a áreas desconhecidas e ocultas, a coisas que, por sua natureza, são secretas. Abrir-se à intuição é como livrar-se da proteção que o escudo da ciência e da razão oferece ao homem, fixando-o na temporalidade do presente (Jung, 1991b,p.83 in Ostetto, L.2010). É dar passagem para o devaneio, aquilo que cria, que toca o indizível, que desacomoda e nos coloca numa posição de escuta e receptividade. Para Maffesoli, a intuição é uma importante disposição metodológica pois a considera “um vetor importante de conhecimento do vitalismo em ação nas nossas sociedades” (Maffesoli, 2008. p. 130-146).

³² Tendência para sentir o que se sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa. Estado de espírito no qual uma pessoa se identifica com outra, supondo sentir o que ela está sentindo (Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa, 2003. In Arenhaldt, R. 2005. p.10).

No entanto, são os depoimentos e as reflexões acerca do vivido que, gradativamente, foram dando os contornos à investigação, permitindo um mergulho na cotidianidade, um farejar sobre o que emerge desse estar-junto-dançando. Constituíram um mosaico de relações que, em determinado momento, transcende ao que está dado pelo movimento simples da dança e se expande no mundo da vida.

Ao mesmo tempo, utilizei como instrumento de reflexão pessoal, o que chamei de *Relato de Impressões*. Tinha como objetivo registrar o que me chamava a atenção, o que emergia do grupo, tais como as danças realizadas, a identificação dos Dançantes, a dinâmica das práticas, os questionamentos e as dúvidas surgidas, levando em conta o meu olhar, enquanto pesquisadora, e possibilitando um redimensionamento da prática e dos instrumentos, se necessário.

As sessões de dança foram divididas em dois momentos distintos: um, onde vivenciávamos as danças dos povos e, outro, onde refletíamos não só sobre a vivência, mas sobre o que emergia da prática. Utilizei como procedimento metodológico o que chamei de *Cartas de Caminho* (Apêndice B), compostas por palavras que tinham por objetivo trazer para o grupo questões relativas à percepção do sensível na dança, a questão da escuta e do olhar, bem como outras questões emergentes no grupo. As *Cartas de Caminho* (Apêndice B) se constituíram como o fio condutor da reflexão.

A cada sessão, foi possível perceber como se dava a organização do grupo, a participação na montagem do material para a filmagem e na arrumação do centro do círculo, bem como na relação com as danças, com a questão do acerto e o do erro, além das questões relativas à forma com que cada um aprendia e vivenciava as danças.



*Fotografia nº13: Centro do Círculo de Danças do I Encontro de Danças Circulares Sagradas e da Paz Universal da SME/PMPA
Fonte: BARCELLOS, J. 2007.*

Durante nossas conversas reflexivas, pude observar as particularidades de cada um dos Dançantes, sua forma de participação, suas expressões e manifestações físicas e emocionais, além das suas posturas em relação à dinâmica implementada durante as sessões. Para alguns, bastava escutar, para outros, falar muito. E outros, ainda, falar a partir do que emergia das discussões sobre a experiência do dia e das Cartas de Caminho (Apêndice B), o que foi se constituindo numa dinâmica específica de estar e se expressar no grupo.

No que se refere às danças escolhidas para cada sessão, em sua maioria, estavam relacionadas com as Cartas de Caminho (Apêndice B) do dia, que, por sua vez, traziam aspectos que, de alguma forma, reportavam aos movimentos executados. No entanto, é importante lembrar que essa percepção é individual e depende das experiências corporais e emocionais de cada Dançante. As reflexões realizadas nas oficinas, os depoimentos relacionados às experiências de cada um, e minhas impressões acerca do que ocorria a cada sessão, compuseram os aspectos práticos da pesquisa. As oficinas tiveram uma sequência conforme o quadro abaixo. Das vinte e uma

Cartas de Caminho (Apêndice B), utilizei as quatorze que mais foram evidenciadas nos depoimentos e falas dos Dançantes.

Quadro 1

Oficina de Danças Circulares Sagradas

Local: Salão CEGEB/PMPA

Temática da Oficina	Data	Danças Circulares Sagradas	Cartas de Caminho
1ª Oficina Quem Somos	23/03	Labirinto, Hungarian Pravo Oro	Oferta, Acolhimento e Escolha
2ª Oficina E a Dança	30/03	Shetland Wedding Reel, Cucanoto, Romanian Fantasy, The circle be open	Olhar e Escuta
3ª Oficina Para Além da Dança Circular	13/04	Irish Mandala, Rumelaj, Ma Na'Vu, Menousis	Dança e Prazer
4ª Oficina Memórias	20/04	Od Lo Ahavit Dai, Zemer Atik, Cocek the Lune, Mistério do Silêncio	Alegria, Silêncio e Sabedoria
5ª Oficina O que nos encanta	11/05	Labirinto, Irish Mandala, Somos Filhos da Deusa	Busca e Transformação
6ª Oficina Avaliação e celebração	18/05	Shetland Wedding Reel, Ma Na'Vu, Irish Mandala, Cuncti Simus Con	Celebração e Dançar-Junto
Cartas acrescidas pelo grupo na avaliação	18/05	As Danças propostas durante as oficinas contemplaram as mais variadas tradições.	Performance-Erro, Cuidado, Sincronismo, Tempo, Ritmo, Amor e União.

Fonte: Planejamento das oficinas de Danças Circulares Sagradas no Centro comunitário George Black da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre, 2012.

No que se refere aos aspectos teóricos, busquei apoio em vários autores, mas, fundamentalmente; nas contribuições de Maffesoli sobre o estar-junto na construção de uma razão sensível, sobre as disposições metodológicas e epistemológicas de um determinado jeito de fazer uma ciência. Seu pensamento foi fundamental para a compreensão e análise do

observado e realizado. As contribuições de Mellucci e Morin sobre *encontro e complexidade*, para a compreensão dos aspectos que influenciam esse estar no grupo, em nível individual e coletivo, me permitiram ver além do grupo, perceber suas implicações. A compreensão de *corpo próprio* de Merleau-Ponty foi importantíssima para a definição dos sujeitos da pesquisa como *Corpos Dançantes*.

Outros autores permitiram ampliar minha escuta e olhar enquanto pesquisadora, tais como: Sams, Icle, Garaudy, Fontanella, Bachelard, Scott. Nos aspectos relacionados à construção metodológica, as contribuições de Oliveira, Weller, Minayo, Arenhaldt, foram esclarecedoras para definir os instrumentos da pesquisa e auxiliar na organização textual. Nas questões relacionadas à história e prática das Danças Circulares Sagradas, Wosien, Ostetto, Couto, Ramos, Rodrigues, foram de grande importância para a compreensão dos aspectos pedagógicos envolvidos nesse estar-junto-dançando.

3.2. O Dar-se a Ver de Quem Gosta de Dançar: Depoimentos e Reflexões

"(...)a gente se cobra muito, para acertar, para não errar, mas foi só ter a ideia que não precisa acertar, que eu tenho que sentir a musica, o que estou sentindo é o que vai acontecer e aí ele vai naturalmente é o fluir mágico(...)."
(Oficina DCS³³ - Ana Dekert, 47anos)

Esta fala pode evidenciar o quanto esse momento de dança no círculo é um momento especial, de conexão, de recriação, de um fluir da imaginação, de um dar-se conta. Nesse sentido, constitui um estar disponível para o olhar do outro, um momento de dar luz ao não visível, abrindo-se para o desconhecido, para o diferente, olhar-se através do espelho e estar seguro dos laços afetuais que constituem e sustentam o grupo.

³³ DCS: A partir de agora utilizarei esta sigla na descrição das falas a fim de evitar a repetição excessiva do nome de Danças Circulares Sagradas.

No sentido de vislumbrar uma pedagogia mais amorosa e compreensiva no processo de focalizar e dançar as Danças Circulares Sagradas buscarei apresentar a Dança Circular como uma possibilidade capaz de nos levar a um saber onde encontramos um mundo rico de sentidos e sensibilidades, reflexo de culturas ancestrais variadas, expresso através de gestos, movimentos e sons.

"Com a prática das Danças Circulares aprendo a lidar com as questões de minha vida cotidiana, tendo paciência, equilíbrio e resignação." (Oficina de DCS - Ana Dekert)

"Durante o tempo que danço, aprendi novos passos e aproveito tudo, até em meus afazeres domésticos." (Oficina de DCS - Inorá Freitas)

Pensar a partir dos depoimentos e reflexões dos Corpos Dançantes levou-me a buscar referenciais que pudessem auxiliar na estruturação e definição do método de análise. Busquei em Minayo (2011), a compreensão sobre os tipos de entrevistas e sua adequação ao grupo. Como já referido anteriormente, optei por um método misto de obtenção de dados a partir da entrevista em grupo - Grupo Focal - e da entrevista individual - Depoimento. Para Minayo,

"A entrevista pode nos fornecer dados (...) que referem-se a informações diretamente construídas no diálogo, com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. (...) Constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneira de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos. Uma entrevista, como forma privilegiada de interação social, está sujeita à mesma dinâmica das relações existentes na própria sociedade". (MINAYO, 2011. p.65)

Com base nessa perspectiva, e a fim de preservar a integralidade das falas e depoimentos, dando voz, corpo e emoção às questões relativas a esse querer viver que se reflete no dançar-junto, opto por transcrever

literalmente os nove depoimentos compartilhados. Entro, assim, no mundo da vida de quem não só dança nas sessões de prática, mas a incorpora a sua dinâmica de vida.

O roteiro base para construção dos depoimentos acerca da dança em geral e das Danças Circulares Sagradas foi o seguinte:

- a) Nome, idade, profissão ou ocupação atual:
- b) Desde quando está no grupo de Danças Circulares Sagradas?
- c) Quando em minha vida se deu meu primeiro contato com a dança em geral?
- d) Era algo de que eu gostava? Era algo que minha família gostava? Existia música e dança em minha casa durante minha infância, adolescência e vida adulta?
- e) O que me motivou a entrar para um grupo de Danças Circulares? O que me fez continuar no grupo de Danças Circulares?
- f) O que aprendi durante o tempo que danço? Que aspectos nas Danças Circulares Sagradas, me ajudam a lidar com questões de minha vida cotidiana?
- g) Se possível faça uma lista dos aspectos positivos ou desafiadores das Danças Circulares Sagradas.

Seguem os depoimentos:

1. Levino Guilherme Schneider (84 anos, casado, bancário aposentado)

“Aos meus 10 anos de idade, mais ou menos em 1938 – como acontece com praticamente todas as crianças – alegrei-me com músicas e danças alemãs, em Ibirubá, interior do Estado do Rio Grande do Sul, que eram cantaroladas por meus irmãos mais velhos, em casa, após terem voltado de um baile do dia anterior. E aos 15 anos, igualmente dancei pela primeira vez durante o casamento de um dos meus irmãos.”

Na maioridade tive uma predileção por músicas e danças folclóricas, cujo interesse aumentava à medida que ia conhecendo o folclore musical de outros países e culturas.

E somente em 2008, algo me chamou a atenção ao esperar, do lado de fora, o meu horário de yoga no CEGEB, em Porto Alegre, quando ouvi uma música alemã, que havia aprendido aos 10 anos de idade com meus irmãos mais velhos, que estava sendo executada por um grupo de Danças Circulares, no horário anterior. Perguntei a prof.^a Janete Barcellos o nome da música dançada – Era o chotis “Sieben Tritte” (Sete Passos). E foi essa música do meu tempo de criança que me fez atrair para o Grupo de Danças Circulares.

E em cada aula nova, outras músicas e Danças Circulares, sagradas ou folclóricas de outros países, ia aprendendo. E cada vez, me impressionava mais de como é rica a cultura da música sagrada e folclórica internacional.

E cada dança demonstrava uma leveza e singeleza de passos dentro de seu ritmo e compasso específicos. E era algo diferente do que acontecia nas danças de salão. Pois, nas Danças Circulares, mesmo com ritmos e compassos iguais, os passos de sua execução eram diferentes.

Outra característica das Danças Circulares é que, ao contrário da dança de salão em que cada par cuida somente de si, nas Danças Circulares a preocupação é com o todo do grupo, que dança, em conjunto e em sincronismo.

Talvez seja esta razão por que o inter-relacionamento entre o grupo proporciona uma grande amizade e sintonia dos integrantes.

E mais, além do aprendizado da cultura da música das Danças Sacro-Folclóricas, de tantos países, grande é a aceitação por todas as faixas de idade, especialmente pelos idosos que rememoram momentos alegres de sua vida inteira.

E a maior surpresa aconteceu em 8 de janeiro deste ano, quando no XII ENCONTRO DA FAMÍLIA SCHNEIDER – que agrupou mais de 130 pessoas, entre parentes e amigos – realizado na ADESBAM, bairro Tristeza, Porto Alegre. Este Encontro se realiza a cada três anos, sendo organizado por um dos 18 filhos de Aloysio e Bertha Schneider – já falecidos.

E no último Encontro, tocou para mim e minha família organizarem. E após o almoço, houve uma apresentação artística de pessoas do Grupo de Danças Circulares, da prof.^a Janete – em que eu aos 84 anos, também dancei – que foi uma coisa inédita, pois nem todos conheciam esta modalidade de danças. Mas a maior surpresa foi a Dança dos Sete Passos, em que os irmãos mais velhos foram lembrados da música de 74 anos atrás, que eles cantarolavam em casa”.

Porto Alegre, maio de 2012.

2. Floripa Clélia Speck de Lima (60 anos, casada, dona-de-casa aposentada)

“Há sete anos participo do Grupo de Danças Circulares Sagradas do CEGEB.

Meu primeiro contato com as danças em geral foi através de minha família, nas reuniões familiares. Desde aquele tempo já gostava muito de dançar e minha família era e é festeira até hoje.

Minha grande motivação para entrar no grupo de danças foi em função de ser uma dança diferente, o que eu gostei muito e acabei permanecendo até hoje.

Na atividade de Danças Circulares Sagradas aprendi diversas modalidades de danças de diferentes culturas dos povos do mundo. Pude trabalhar a concentração a memória a coordenação de forma simples e divertida.

Considero vários aspectos positivos neste trabalho, a construção de amizades e parcerias, a possibilidade de desenvolver a amizade, a plenitude, a afetividade, a comunicação, a introspecção, a positividade e como já falei anteriormente a concentração”.

Porto Alegre, maio de 2012.

3. Inorá Soares Freitas (71 anos, casada, serventuária aposentada)

“Há mais ou menos dois anos participo do Grupo de Danças Circulares Sagradas do CEGEB.

Tomei contato com as danças em geral através de minha família e gostava de danças desde a adolescência.

Quando descobri as Danças Circulares o que me motivou a entrar para o grupo foi o aspecto das amizades e também foi o que me incentivou a continuar dançando.

Durante o tempo que danço, aprendi novos passos e aproveito tudo, até em meus afazeres domésticos.

Considero que todos os aspectos nas Danças Circulares, são positivos, bem como os novos desafios, pois não desisto. Caso, não consiga aprender inicialmente tento muitas vezes, pois sei que é possível fazer”.

Porto Alegre, maio de 2012.

4. Lisane Goldmeier Tochetto (59 anos, separada, aposentada)

“Frequento o grupo de Danças Circulares Sagradas desde 2008.

Meu primeiro contato com a dança em geral penso que se deu na minha infância ainda, num salão de baile de uma prima (no interior). Eu e outros primos circulávamos por lá, correndo pelo salão. Mais tarde, durante minha adolescência comecei a frequentar alguns bailes e a dançar. Mais tarde ainda eu ia prá boate e eu adorava dançar com o meu par da época.

Em relação a minha família, se gostava ou não de dança, lembro mais das histórias do tempo que meus pais levavam minha irmã nos bailes (no tempo em que as moças andavam sempre acompanhadas). Lembro que minha mãe contava que o pai estava sempre pronto para ir a esses bailes, mas que era por causa da cuba livre (bebida). Meu pai tocou violino na juventude e minha mãe cantava bem nos cultos da igreja. Música na minha casa: só de rádio. No Natal cantávamos perto do pinheirinho, depois do culto. Eu curtia muito a música,

principalmente na época da Jovem Guarda. Durante minha vida adulta continuei a ouvir música, mas com menos frequência e a dançar cada vez menos, por força das circunstâncias.

Sempre gostei de dançar, então na época em que entrei para às Danças Circulares eu estava em vias de me aposentar e estava separada (meu ex não era muito de dançar). Nada mais estava me impedindo de resgatar esse lazer prazeroso. Descobri muitas músicas que adorei e conheci muita gente bacana, e assim continuo até hoje.

Aprendi a me mover com mais ritmo, a me soltar mais, a memorizar coreografias, a me conectar com outras culturas através das músicas e danças, e a me harmonizar com as pessoas que estão comigo na roda. Acho que o aprendizado maior é a questão de andar no ritmo da música, não indo mais rápido nem ficando para trás e harmonizar-se com as pessoas, principalmente as que são muito diferentes (no caso da dança, as que dançam muito melhor como as que erram todos os passos). É como na vida, convivemos com pessoas que fazem as coisas de forma muito diferente do que nós faríamos. E que bom quando podemos apreciar isto.

Considero como aspectos positivos nas Danças Circulares: o aconchego, a amizade, o compartilhamento, a empatia, a alegria, a emoção, o movimento, o enlevo, o bem-estar.

E como aspectos desafiadores, lembrar das coreografias, aprender novas coreografias, manter o ritmo, fazer certos movimentos dentro do ritmo exigido, paciência conosco e com os outros, manter a atenção e a concentração, cuidar dos outros”.

Porto Alegre, maio de 2012.

5. Maria Cristina Treptow Marques (29 anos, casada, técnica em assuntos educacionais)

"Participo do grupo de Danças Circulares desde março de 2012, mas de maneira menos dinâmica já havia dançado danças circulares.

Meu primeiro contato com a dança, de maneira sistemática, com aulas, ocorreu em 1992, quando entrei para um grupo de ballet clássico e jazz. Ao longo de minha vida, fiz invernada, dança do ventre, dança tribal, dança de salão, contemporâneo, flamenco, dança indiana e há pouco tempo danças circulares. Sempre gostei muito de dançar. Lembro-me que na infância organizava coreografias com as minhas primas e nós nos apresentávamos para a família. Minha família me incentivava, apesar de meus pais dançarem pouco (meu pai não gosta, pois acha que não leva jeito, e minha mãe que adora, acabava não dançando por causa dele) e quase não escutavam música em casa, a minha casa é um ambiente de leitura.

Na adolescência, o que mais me divertia era sair para dançar, esse era meu objetivo, se rolava algum flerte era algo secundário. Dançava e danço (enlouquecidamente) até o corpo dizer basta e depois vou para casa dormir. Na vida adulta, fiquei muito seletiva quanto a ambientes para dançar e me divertir, prefiro dançar músicas que gosto, mais alternativas, e há poucos lugares em que saio para dançar. Sinto imensa falta disso. Certa época, eu e amigos meus organizávamos saraus e declamávamos poesias, dançávamos e cantávamos. Tudo é uma questão de reinventar, se não existe, criemos os espaços e vamos a bailar. Faço parte de um grupo que se chama mística andina, e estamos por organizar um rezabaile, uma festa com músicas do nosso gosto. Meu marido adora dançar também, quando dançamos nos divertimos muito, fazemos coreografias e brincamos com isso, rimos e parecemos uns loucos. Segundo ele, eu não danço apenas, eu me apresento. É como se eu esquecesse tudo o que sucede na volta e entra-se em transe.

Em 2008, eu morava em Santa Maria, conheci uma professora de biologia que havia feito danças circulares, ela me apresentou essa modalidade de dança. Fizemos algumas oficinas

de educação ambiental e colocamos as danças circulares e algumas técnicas teatrais para complementar a teoria. Já em 2009, morava em Pelotas, eu e uma amiga fizemos um grupo de dança e incluímos algumas danças circulares que eu já tinha conhecimento e criamos outras. Em 2011, estive em Porto Alegre e a mesma amiga que me apresentou as danças circulares me falou da Janete e do seu trabalho. Foi assim que entrei para o grupo. Estou morando em Porto Alegre desde março deste ano e participando das danças circulares.

O que me motivou para entrar para as danças circulares é a possibilidade de utilizá-las como ferramenta educacional lúdica de autoconhecimento e de vivência grupal. Elas se destacam por permitir que pessoas que não tenham muita destreza nos movimentos de dança possam dançar e que não fiquem inibidas, pois estão em grupo e não são expostas como em outros tipos de danças. Para além de uma ferramenta de trabalho de grupo, ela é um hábito saudável, curativo e divertido. Diria que todo mundo deveria dançar (qualquer tipo de dança) e assim seria mais feliz. Para além da utilidade prática, convidar amigos, reunir e colocar o corpo em movimento.

Já o que me faz continuar dançando, é a possibilidade de aprender as danças circulares para posteriormente compartilhá-las e porque me faz bem. Acho interessantes as diversas expressões e culturas que podem se manifestar nessa dança. Ela pode parecer simples, mas sua essência é profunda e sua diversidade é abrangente.

Aprendi nessa prática que temos que rodar. Sempre se aprende a todo instante. Nas danças circulares, percebo uma aprendizagem do grupal e do individual. O indivíduo se concentra nele mesmo, em seus movimentos, e na música e o grupal, para criar harmonia, porque não se dança sozinho. Aprendo também que devo ter paciência com quem erra o passo, porque eu, em outra ocasião, também me equivoco. Aprendo a acolher o erro dos outros, como o meu próprio erro. Percebo a energia do grupo e observo a roda que dança por si.

Considero aspectos positivos: alegria, descontração, união, introspecção, cura.

E aspectos desafiadores: paciência, tolerância, aceitação (do outro, da música, da coreografia)''.

Porto Alegre maio de 2012.

6. Ana Lucia Euqueria Dekert (47 anos, casada, comerciante)

''Sou integrante do grupo de Danças Circulares desde 2007.

Meu primeiro contato com a dança em geral, foi aos 27 anos, quando levava meu filho de 5 anos para aulas de dança; começamos a dançar juntos.

Eu sempre vi na dança uma forma de expressão e amor pela vida. Quando em 2007 comecei a fazer aulas de Yoga e Danças Circulares, me apaixonei na primeira aula, mas seria um grande desafio a enfrentar. Minha persistência é o que me faz continuar nas danças.

Com a prática das Danças Circulares aprendo a lidar com as questões de minha vida cotidiana, tendo paciência, equilíbrio e resignação.

Identifico como aspectos positivos na prática de Danças Circulares: a alegria, a paz, o amor.

Considero como um grande desafio nas Danças Circulares é interagir com as pessoas''.

Porto Alegre, maio de 2012.

7. Nalú Madeira Relindis de Souza Madeira (55anos, separada, contadora)

''Minha família sempre foi muito festeira, quase todas as festas eram sempre lá em casa. Festas estas com muitas músicas, danças e sempre muita alegria. Aprendi a dançar com mais ou menos 10 anos de idade, em casa. O que me motivou a fazer Dança Circular em, sem saber como e para que era.

Continuei a dançar porque era uma coisa diferente, desafiadora e que um circulo não têm começo e nem fim.

Aprendi que a Dança Circular é muito boa para a saúde, para o astral, para a união em grupo e que nunca estamos sós.

A Dança Circular me ajudou a ter mais paciência com as pessoas, perceber suas dificuldades e as minhas também.

Percebi que as vezes tenho que parar, pensar no passado, presente e futuro.

Saúde, alegria, desafio, paciência, tolerância, união, grupo, aprendizado, atenção, ajuda, companheirismo e muito mais são os aspectos positivos e desafiadores da Dança Circular para mim'.

Porto Alegre, junho de 2012.

8. Ludmila Maria Migliavacca César (61 anos, casada, professora aposentada)

“Participo do grupo de danças Circulares desde 2011. Quando criança estudava em colégio de freiras e a dança de roda fazia parte de nossas brincadeiras, na hora do recreio e nas aulas de educação física. Como sou descendente de italianos, em nossas reuniões familiares, também exercitávamos muito, as canções e danças do nosso povo. Na minha adolescência, comecei a frequentar o clube da cidade, e sempre era levada por meus seis irmãos para os bailes. Não ficava sentada nem um minuto de tanto que amava dançar. Só parei com a dança, quando casei, pois meu marido não gostava. Atualmente, participo do grupo de Danças Circulares no CEGEB, na Redenção (Parque Ramiro Souto) e algumas oficinas.

Com a aposentadoria, resolvi buscar aquilo que sempre gostei de fazer. Por isso quando me convidaram não vacilei e hoje vivo esse desafio para realizar meus objetivos.

Durante o tempo que participo do grupo aprendi que fazemos parte de um todo e, todos devem caminhar organizados para obtermos o desejado. Cada um é parte integrante desse “todo” e juntos buscamos o nosso desenvolvimento espiritual, mental e corporal.

Cada momento na dança é desafiador. Por mais simples que seja sempre se fica na expectativa de realizar aquilo que se propõe. É positivo, porque podemos interagir consigo mesmo, com o grupo e com o que está ao redor. Com a dança também temos a oportunidade de observar, organizar e desenvolver o objetivo proposto. O que também é positivo é quando entramos em sintonia com a música, a melodia, o ritmo e a letra e vamos vivenciando emoções e sentimentos’.

Porto Alegre, junho de 2012.

9. Maria Regina Vanzin (56 anos, separada, bancária aposentada)

“Participo de grupos de dança circular desde o ano de 2000.

Meu primeiro contato com a dança circular aconteceu quando participava de uma palestra na Livraria Três Pirâmides, (na época, situada na av. Getulio Vargas), feita por uma focalizadora, e para complementar a palestra, foi feita uma roda de dança circular demonstrativa e daí... eu me apaixonei!

Na semana seguinte já fazia parte da roda de danças desta focalizadora!

Sempre gostei muito e muito de dançar. Gosto muito e muito de música.

Fui e sou uma pessoa muito inibida, desajeitada, por isto dancei bem menos do que gostaria..... Na minha vida sempre existiu dança e música.

Uma das facilidades de entrar para uma roda de dança, é ser mais uma em um grande grupo, não ter o medo de errar e ser apontada por este erro. A simplicidade dos passos, foi o que me fez entrar e permanecer na roda até hoje! Uma roda de dança é contagiante! Alegria, risos, abraços...lágrimas também!

E para mim o maior desafio é a convivência em grupo. Tenho dificuldades com relacionamentos. E uma roda é feita de pessoas. De pessoas amigas, estranhas, felizes, tristes, mal humoradas, jovens, nem tanto..., e para fazer parte de uma roda

de danças tenho que enlaçar e conviver com a mão que está ao meu lado e com o abraço que vem ao meu encontro, também com o sorriso e o olhar de desdém que meus olhos cruzam...

Mas acima de tudo isso...amo fazer parte de uma roda de Dança Circular'!!!!

Porto Alegre, maio de 2012.



3.3. *Vidas Entrelaçadas pelos Movimentos das Danças Circulares Sagradas dos Corpos Dançantes*

Vem

Jalal ud-Din Muhammad Rumi³⁴

*"Te direi em segredo aonde leva esta dança
Vê como as partículas do ar
E os grãos de areia do deserto
Giram desnorreadas.*

*Cada átomo Feliz ou Miserável,
Gira apaixonado em torno do sol.(...)*

*Os pés e as mãos conhecem o desejo da alma
Fechemos pois a boca e conversemos através da alma
Só a alma conhece o destino de tudo, passo a passo(...)*

*Oh dia, levanta! Os átomos dançam
As almas loucas de êxtase dançam,
A abóbada celeste, por causa deste Ser dança*

Ao ouvido te direi aonde leva sua dança.



*Gravura 4: Dervixes Girantes, manuscrito, 1493
Fonte: RUMI, 1996. In COUTO, 2008, p. 111*

³⁴ Nascido na província de Balkh, Pérsia (hoje Afeganistão) no início do século XIII, no dia 30 de setembro de 1207, então um dos principais centros culturais do mundo islâmico, o poeta sufi Mevlana Jalal ud-Din Muhammad Rumi foi o fundador da Ordem Mevlevi, cujos membros são chamados de *Dervixes Girantes*. Conhecido no Oriente por Mavlana Rumi, e no Ocidente apenas por Rumi, é celebrado como o maior poeta místico de toda a tradição persa e árabe, bem como um dos maiores poetas líricos de todos os tempos, vindo a morrer em Konya, na Turquia, no dia 17 de dezembro de 1273 (Carvalho, 1996 in Couto, Y. 2008. p. 111).

As oficinas de Danças Circulares Sagradas possibilitaram a convivência com o sagrado, com a dança e com as emoções advindas desse aprender-dançando-junto. Desde a sua organização inicial, percorremos um caminho de março a maio de 2012, envolvendo a participação dos Dançantes, de acordo com a sua disponibilidade de tempo, entusiasmo pelo dançar e alguma experiência com as Danças Circulares. Todos os Dançantes da oficina já participavam anteriormente do grupo de Danças Circulares do Centro Comunitário George Black da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre.

Curiosamente acabou se formando um grupo com nove pessoas o que me chamou a atenção, por sua simbologia tanto no Tarô³⁵ quanto nas Cartas do Caminho Sagrado³⁶. No Tarô, representa o sábio, capaz de unir os opostos exercendo sua sabedoria a partir da experiência de vida. E, nas Cartas do Caminho Sagrado, representa o Escudo do Sul, lugar da criança interior, da vida física, da harmonia, da beleza da vida que penetra no espaço do coração, a partir do uso de seus talentos e criatividade. Portanto, aí estava nossa fascinante conexão com o universo arquetípico do comportamento humano. Foi o momento de darmos as mãos e iniciarmos a caminhada.

A fim de trazer essas questões relacionadas à percepção do sensível na dança criei o que chamei de Cartas de Caminho (Apêndice B), compostas por palavras que identificam emoções e comportamentos contidos nos depoimentos e falas dos Dançantes, e nas suas relações com estar-junto-dançando. As Cartas de Caminho (Apêndice B) nos auxiliaram no percurso de imersão nas sensibilidades advindas desse compartilhamento de emoções e

³⁵ Sistema de autoconhecimento, composto por cartas que representam arquétipos que auxiliam o indivíduo a ter acesso a verdades da alma que surgem das profundezas da psique. (Steiner-Geringer, M. 1995)

³⁶ As Cartas do Caminho Sagrado são um sistema de ensinamentos de cura segundo a Tradição Nativa Norte Americana. Constituem uma ponte para os antigos ensinamentos dos Sistemas Nativos de Conhecimento. (Sams, J. 2000)

afetos que constitui a força do que Maffesoli (2005) define como *ética da estética*. Pudemos refletir sobre as danças e os sentidos atribuídos pelos Dançantes ao estar-dançando-junto no círculo. Para tanto, aglutinei as cartas em pequenos blocos a fim de que pudéssemos ter questões que se misturassem e se relacionassem a partir das falas e depoimentos. O que foi fundamental para que pudesse lançar um olhar sensível para as vidas entrelaçadas³⁷ dos Dançantes.

Para a composição das Cartas de Caminho (Apêndice B) busquei inspiração no Livro e nas Cartas Palavra de Criança de Patricia Gebrim (2007), que assim como nas Cartas do Caminho Sagrado, traz a importância de aprendermos a nos conectarmos com a criança interior que vive em cada um de nós. A criança que está na alma de cada ser humano, esperando para ser acolhida e celebrada e para nos lembrar de que a sensibilidade, a brincadeira, o lúdico, necessariamente, em todas as idades, devem fazer parte de nossas existências. *"Palavra de Criança é um convite para sentir, sem medo, todos os sentimentos humanos"* (Café, S. in Gebrim, 2007 p.11).

As cartas dispostas no centro do círculo, mais as violetas lembrando a conexão com a Terra, todas a uma mesma distância, mãos que se tocam olhares, sons, e o caminho do círculo se abre para os passos, os gestos e as emoções compartilhadas. Expectativa, harmonização, a conexão se estabelece, nos apresentamos, nomes no círculo, falados e repetidos em voz alta, momento de *"firmarmos o pé"*³⁸, nos vemos e estarmos aqui. Presença materializada, é chegada a hora do dançar. Esse pequeno ritual se repetiu em todos os encontros, ressaltando a importância de estar presente, com a atenção voltada para a dança, para a música, para o grupo.

³⁷ Vidas que se interconectam a partir da prática de Danças Circulares Sagradas e que ao longo do tempo constroem relações de parceria e solidariedade.

³⁸ Momento de estarmos presentes com o foco de nossa atenção voltado para dança – Presença.

O número de Dançantes diferentemente da expectativa inicial se mostrou variável, mas sempre tivemos pelo menos seis participantes no círculo. As ausências nesse período foram em função de problemas familiares e de saúde que limitaram a participação.

A fim de apresentar uma reflexão da experiência vivida, a partir das oficinas, mediadas pelas Cartas de Caminho (Apêndice B), optei por lançar mão daquelas que foram mais fortemente evidenciadas nos depoimentos e conversas reflexivas. Aqueles sentimentos e emoções expressos por todos ou pela maioria dos dançantes, a partir da sua experiência no círculo e fora dele. Levando em conta o contato de cada dançante com a Dança Circular Sagrada e suas percepções acerca da experiência vivida. Estratégia que me permitiu trazer, a partir do meu olhar, a essencialidade do que se permitiu ver e vivenciar na prática do grupo de Danças Circulares Sagradas como Presença, Ritmo, Olhar e Escuta Sensíveis.

As Cartas da Oferta, do Acolhimento e da Escolha

Durante as oficinas, evidenciamos a experiência que cada um tinha ou não com a dança, tornando claras as motivações para o ingresso no grupo, levando em conta que a maioria ainda não tinha tido oportunidade de conhecer mais profundamente a dinâmica e história das Danças Circulares Sagradas, mesmo já tendo participado de outros círculos e oficinas.

Nesse sentido, pudemos compartilhar histórias relativas ao dançar, que nos permitiram exercitar a escuta e o olhar de acolhimento. Histórias que, de uma forma ou de outra, estavam associadas à tradição familiar dos Dançantes, podendo ser de caráter festivo ou religioso. Como nos diz Béjart (1980), *"o lugar da dança é nas casas, nas ruas, na vida."*

"Sempre fui vidrada em dança. Gostava muito de música, trabalhava numa rádio no interior, na sonoplastia. Quando cheguei para as aulas de yoga, me convidaram e achei um

grande desafio. Parei um tempo e voltei depois". (Ludmila C ezar, 61 anos - Oficina DCS³⁹ de 30/03/2012)

"Sempre gostei de dançar, gosto muito dessa intera o". (Lisane Tochetto, 59 anos - Oficina DCS de 30/03/2012)

"Vim para as aulas de Yoga, um dia ouvi falar das Danças Circulares e vim...". (Floripa Cl elia de Lima, 60 anos - Oficina de DCS de 30/03/2012)

A questão da religiosidade familiar, ligada   música e   dança foi bastante significativa nos depoimentos de alguns dos Dançantes. O que pude evidenciar mais fortemente nos Depoimentos de Lisane e Ludmila.

Como diz Bernhard Wosien, a dança   ora o em movimento que continua ao longo do tempo e das tradi es, manifestando a tentativa do homem de conectar-se com a divindade.

Outra questão recorrente nos depoimentos foi o interesse pela prática da dança, o que demonstrou ser uma questão motivadora para o ingresso no grupo de Danças Circulares Sagradas, principalmente por ser uma "dança diferente", provocando a curiosidade e o interesse dos Dançantes. No entanto a permanência no grupo se deu a partir de um conhecimento mais aprofundado da prática e de seus benefícios tanto físicos quanto emocionais. Tais como:

Como ressalta Cl elia e Levino, a Dança Circular Sagrada, por ser oriunda de muitas tradi es diferentes, oportuniza, ao Dançante, experimentar a variedade de linguagens, a ideia de Unidade do mundo.

No que se refere ao sentimento de pertenc a, pude identificar ao longo das oficinas, um fortalecimento dessa rela o, pois ficou evidente o desejo de fazer parte de algo até então desconhecido, na medida em que os Dançantes ampliavam seus conhecimentos e demonstravam emo es advindas de um querer viver e de um estar- junto-dançando.

³⁹ DCS: Danças Circulares Sagradas.

Esse pertencer ao grupo e esse querer viver, refletiram-se em uma dinâmica de relação mais solidária, onde o olhar e a escuta sensíveis estavam presentes, pois havia uma crescente disponibilidade para auxiliar o outro, esclarecendo dúvidas e retomando a execução dos movimentos considerados mais difíceis. Essa possibilidade de troca e parceria pode ser observada nos depoimentos e falas de Ludmila e Nalu:

"(...) buscamos o acolhimento, o aconchego nesse pulsar. Estamos buscando essa energia, você tem coisas boas para dar, mas você precisa também dessa energia, para seguir, para conseguir caminhar direito. Eu sinto uma grande energia, sinto uma vibração muito grande." (Ludmila César, 61 anos - Oficina DCS de 23/03/2012)

"A gente sempre sai bem, esse tempo, essa troca é muito importante." (Nalu Madeira, 55 anos - Oficina DCS de 18/05/2012)

As Cartas da Dança, da Performance-Erro, e do Ritmo

A humanidade, ao longo de sua história, vem, gradativamente, perdendo seu contato lúdico e prazeroso com o corpo. A dança, a brincadeira enquanto vivência popular, vivência com os outros e com a comunidade já não mais fazem parte de nosso cotidiano. Segundo Bejárt *"a dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração"*. Quando dançamos deixamos aqueles elementos da cultura que nos dividem.

Recuperar a relação do homem com seu corpo e do seu corpo com o mundo, como instrumento de expressão é uma grande possibilidade das Danças Circulares Sagradas, pois através dela o corpo inteiro é capaz de centrar-se em si e no grupo criando uma possibilidade de expressão e de criação, onde o Dançante desenvolve, a partir da prática, a própria vida de

maneira mais intensa, despojada e sensível, como o relatado nos depoimento de Ludmila e Ana:

"Meu grande desafio é não me cobrar tanto, com o tempo é deixar fluir." (Ana Dekert, 47 anos - Oficina DCS de 30/03/2012)

"Na dança se tem uma união perfeita de tudo, do corpo, da mente, até do espírito. Da maneira de se posicionar, tem tudo a ver, a dança é uma arte". (Ludmila César, 61 anos - Oficina DCS de 23/03/2012)

No entanto, mesmo relatando todos esses benefícios das Danças Circulares Sagradas como uma prática corporal onde existe uma união entre corpo, mente e espírito, pude identificar nos depoimentos e falas uma forte ênfase sobre o erro e a *performance*⁴⁰ como premissa necessária para o dançar. Embora todos os Dançantes sejam esclarecidos de que o erro e a *performance*, nas Danças Circulares Sagradas, fazem parte do dançar, constituindo-se em um processo de aprender dançando, a partir das características individuais de cada um, as percepções acerca desse processo são variadas e refletem que existe um tempo da percepção que é individual, mas que necessariamente sofre influência e ação do grupo.

"Tem dias que é mais difícil captar aquela dança. Tu sabes, mas às vezes é difícil. Também temos que pedir permissão, quando dançamos. A gente erra mas tudo bem." (Nalu Madeira, 55 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"A dança não é tão perfeita, tem erro também." (Inorá Freitas, 71 anos - Oficina DCS de 23/03/2012)

"Eu venho por que me sinto muito bem na dança, não venho para ser bailarina, venho para aprender". (Floripa Clélia Speck, 60 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"Eu não desanimo. Não admito perder, vou chegar ao nível dos outros". (Inorá Freitas, anos - Oficina DCS de 30/03/2012)

⁴⁰ Aqui entendida como a execução correta do movimento. A busca da perfeição no gesto e no ritmo.

"Eu hoje me senti frustradíssima, não sei por que, deu um branco total." (Ludmila César, 61 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

Ao refletir sobre as falas de Inorá e Ludmila, me percebi mergulhada num emaranhado de sentimentos que também espelhavam as emoções compartilhadas. Pude me perceber como sendo um *címbalo*⁴¹, ressoando, ressoando, ressoando... Fui tomada de uma certa surpresa ao também me perceber frustrada pela frustração de Ludmila mas ao mesmo tempo, feliz pela determinação da Inorá. Nesse sentido precisei lançar mão da perspectiva de Maffesoli (2005) quando alerta sobre a importância de vermos os grupos, e neste caso os Corpos Dançantes, de forma desapaixonada, não-narcisista. Quando só o reflexo daquilo que vejo e penso é levado em consideração, faz-se necessário ver o outro como se apresenta, sem preconceitos ou pré-julgamentos, o que para o pesquisador representa um grande desafio.

Desafio que me instigou a mudar o foco do meu olhar, a não julgar, a lembrar o que muito bem expressou a Ana Lúcia em uma de suas falas é preciso "deixar fluir". Um fluir que também é uma das perspectivas da Dança Circular Sagrada, que nos auxilia a buscar construções pedagógicas que privilegiem a compreensão do dançar enquanto processo, com erros e acertos, ânimos e desânimos, angústias e certezas, luz e sombra, sagrado e profano; que se constrói na complexidade do que é vivido no grupo.

Sobre a *performance*, saliento que essa necessidade de execução "correta" do movimento, de acordo com um determinado padrão corporal, acaba inibindo a execução da dança, pois existe por parte de todos uma cobrança de perfeição. Perceber que, tanto a música quanto o ritmo da dança, podem ser facilitadores para a execução do movimento, ainda se coloca como desafio.

⁴¹ Instrumento musical de percussão, formado por dois pratos de bronze (com alça de couro para a mão), que se faz bater um contra o outro. (Dicionário online de Português - <http://www.dicio.com.br/cimbalo>)

No entanto, intuitivamente, isso era percebido pelos Dançantes, ao fazerem a ligação entre a música e o registro corporal do movimento. A Música funcionava como um detonador da memória dos passos específicos da dança, mesmo que fossem identificadas dificuldades para a execução dos mesmos:

"Logo no início, eu achava que não sabia, ficava ansiosa, mas depois começava a fluir. Hoje escuto a música e já sei". (Floripa Clélia Speck, 60 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"O próprio ritmo da música te leva a fazer os passos certos". (Ludmila César, 61anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"Eu tenho que sentir a música (...) por que eu fechava os olhos, eu conhecia todos os passos, eu conhecia a música e na hora de fazer não saía". (Ana Dekert, 47 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

Maffesoli (2008), na sua discussão sobre a razão interna⁴² e a compreensão sobre o ritmo, nos auxilia na compreensão dessa ligação com o movimento a partir da visão grega que diz:

"(...) aquilo que se desenvolve a partir de um desenho, de um esquema. (...) Ligação do estático e do dinâmico. Como nota Werner Jaeger, o ritmo "é aquilo que impõem vínculos aos movimentos, é aquilo que contém o fluxo das coisas". (...) é a partir de um desenho primordial que se efetua o arabesco do movimento. Aplicando-se isso à dança, sob todas as suas formas, nota-se que, por mais desordenada que uma dança possa parecer, sua afetuação responde a uma razão interna". (MAFFESOLI, 2008, p. 60)

⁴² "Trata-se de algo que permanece, ou melhor, que preexiste no coração de todo homem antes de qualquer construção intelectual. (...) Razão esta que é tanto uma constante, de certo modo uma estrutura antropológica, quanto, ao mesmo tempo, só se atualiza, se realiza neste ou naquele momento particular. (...) razão interna é a expressão de uma cultura específica. (...) a percepção da razão interna permite, essencialmente compreender a existência em seu desenvolvimento, e não apenas seu esqueleto. (...) nasce de uma nascente e se desenvolve a partir dela. (...) nós certamente temos que fazer no âmbito de nossas análises sociais: procurar o fundamento, e não a simples causa, de todo ato, de toda representação, ainda que esta deva contrapor-se à razão funcional ou instrumental à qual nos habituamos" (Maffesoli, 2008, p. 58-61).

Essa razão interna remete à ideia do processo de percepção do movimento, onde, a cada dança, ampliamos nossa consciência acerca do que é dançado, entendendo-o não apenas como uma simples execução mecânica da dança, mas como uma oportunidade de dar novos sentidos para aquilo que realizamos.

Nessa perspectiva, os depoimentos e falas abaixo podem ser esclarecedores:

"Toda a dança tem um compasso. Esse compasso é repetido. O problema é colocar o pé certo nesse compasso. O conhecimento é colocar o pé no compasso certo". (Levino Schneider, 84 anos -Oficina DCS de 13/04/2012)

"Quando eu estava dançando, lembrei que já conhecia a dança, no momento do movimento. O movimento como memória". (Maria Cristina Marques, 29 anos - Oficina DCS de 20/04/2012)

Mas de que memória falamos, a intelectual ou a que, a partir de uma determinada prática corporal, se constitui como um registro corporal do movimento? Nesse aspecto a experiência da Maria Cristina é esclarecedora, pois na medida em que conhecemos a música e suas nuances conseguimos estabelecer relações com o gesto de determinada dança, que passa a ser parte de nossa memória corporal, que é acionada a cada vez que novamente escutamos a música. Assim, construímos outras relações entre música e movimento, que passam a ser facilitadoras do dançar-junto.

As Cartas da Alegria, do Prazer, do Cuidado, do Sincronismo

A alegria e o prazer são qualidades intrínsecas ao estar-junto-dançando no círculo tão bem ilustradas nos depoimentos de Lisane e Maria Cristina.

Da mesma forma, é também importante o sincronismo, relatado por alguns Dançantes, que, de certa forma, interfere na harmonia do círculo, ou seja, na execução de determinada dança. Quando o grupo, efetivamente, consegue dançar-junto, essa harmonia se estabelece, a roda gira em unísono, independentemente da maneira com que cada Dançante expressa a dança. "À sua maneira" todos dançam, estabelecendo uma harmonia entre música e movimento.

*"A dança é como o universo, quando sincronizada, vai".
(Levino Schneider, 84 anos - Oficina DCS de 18/05/2012)*

"Acho que a dança possibilita interagir com o grupo e entrar em sintonia. Ajuda a aprender quando é o seu limite. As vezes estou afobadinha, quero fazer para ver se acerto, mas tudo tem a sua hora, a melodia, o compasso. Isso ensina a gente a ter um limite, saber esperar, mas o bom de tudo é que se tem a colaboração dos colegas". (Ludmila César, 61 anos - Oficina DCS de 23/03/2012)

"Quando a gente dança não com a mente, tem que se entregar para música e se entregar para o grupo. É o grupo que te leva. Pegar o ritmo, aquele pulsar que hoje eu senti em todas as danças". (Maria Cristina Marques, 29 anos - Oficina DCS de 18/05/2012)

Podemos ainda a partir das falas dos Dançantes identificar a questão do cuidado, através da forma com que o grupo coletivamente constrói o dançar-junto no círculo. Como cada Dançante se autoriza a ensinar o outro, a esclarecer dúvidas, a sinalizar através do toque das mãos, o ritmo, a direção, os gestos da dança.

"A Dança Circular é tudo de bom. Existe um cuidado, entre todos que dançam, quando alguém não consegue a gente ajuda". (Ana Dekert, 47 anos - Oficina de DCS de 18/05/2012)

As Cartas do Dançar-Junto, do Amor, da União e do Tempo

Durante toda a pesquisa a perspectiva do dançar-junto esteve sempre presente, construindo possibilidades relacionais, entrelaçamentos, linguagens, experiências e encontros. Nas oficinas tive a oportunidade de vivenciar esse estar-junto-dançando a cada sessão, observando, compartilhando percepções acerca do estar no círculo de danças. Pude sentir, a partir de cada toque, o acolhimento e a alegria do acerto, num processo mútuo de aprender e focalizar. Com o desenrolar das práticas, identifiquei o quanto cada Dançante transportava, para a sua vida, para o seu cotidiano, aquilo que vivenciávamos no círculo, a partir de nossas conversas dentro e fora das sessões de prática. Relatavam o quanto permaneciam com a dança e com a música durante seu dia e que a prática de alguma forma os tranquilizava e lhes dava maiores condições de enfrentar as dificuldades diárias.

Percebi que o chamado da dança, que sempre me mobilizou, agora mobilizava outros, conquistava corações e mentes, e nos convidava a profundos mergulhos no mar das percepções e dos encontros de vidas.

Sendo assim, trago alguns depoimentos e falas que ilustram essas inúmeras possibilidades de ser-estar-junto-dançando, essa vibração que acompanha os Dançantes ao sair do círculo e que os estimula a continuarem dançando. Esse desafio que é estar no círculo, na convivência de diferentes, constituindo relações de troca e parceria. Um convite a uma solidariedade orgânica que na perspectiva de Maffesoli (2008), conduz ao ideal comunitário que passa por este sentimento de pertença, a partir dos muitos entrelaçamentos que compõem a cotidianidade do dançar em círculo, à compreensão do corpo como campo de experiência ao mesmo tempo individual e coletiva.

"O amor engloba tudo, se não tiver amor... O amor que tu sente na dança tu passa para as pessoas. A gente sempre sai bem, esse tempo, essa troca é muito importante. (Nalu Madeira, anos - Oficina DCS de 18/05/2012)

Depois de um momento desses, a influência fica durante todo o dia. Fica voltada à música, a dança. A dança vive comigo no dia-a-dia. (Ludmila César, 61 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"A dança precisa ter o entrelaçamento do teu corpo, da tua mente. Tem que fechar tudo". (Ludmila César, 61 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"Quando termina o trabalho a gente fala em levar essas qualidades para nossa vida". (Lisane Tochetto, 59 anos - Oficina DCS de 11/05/2012)

"Para mim a dança fica o dia inteiro por que eu saio daqui e fico cantarolando durante todo dia". (Floripa Clélia Speck de Lima, 60 anos - Oficina DCS de 13/04/2012)

"Considero como um grande desafio nas Danças Circulares é interagir com as pessoas".(Ana Dekert, 49 anos - Oficina DCS de 30/03/2012)

Outra questão se refere à perspectiva do tempo. Tempo ao mesmo tempo cronológico e de relação que, inicialmente, não estava presente em minhas reflexões acerca das oficinas, mas que se mostrou importante para a construção de um espaço de dança e de troca, capaz de dar conta das demandas emocionais que se fizeram presentes. Um tempo que faltou como fala Maria Cristina, para que "a dança fosse levada *significadamente* para o corpo".

"Achei que faltou tempo, quando se está aprofundando o diálogo, termina. Acho que faltou tempo para levar a dança para o corpo significadamente (com significado)". (Maria Cristina Marques, 29 anos - Oficina DCS de 11/05/2012)

É importante ressaltar que o tempo é, ao mesmo tempo, *Chronos* - palavra grega que se relaciona ao tempo cronológico- e *Kairós*⁴³ - palavra também grega que significa "momento certo", um tempo da relação, da troca, da percepção, da presença - e que ambos coexistem em uma mesma dinâmica do estar-junto-dançando. Assim, parece necessário constituir-se uma organização de oficinas que contemplem, de forma equilibrada, esses dois aspectos da mesma "moeda" que metaforicamente, é a Dança Circular Sagrada.

O Momento de abrimos o círculo: a despedida

Ao nos despedirmos do círculo das Oficinas de Danças Circulares Sagradas, lembramos da experiência vivida, da oportunidade de estarmos juntos e de que nenhum círculo é igual ao outro, nenhuma dança é igual a outra. Esta é uma das qualidades que fazem desta prática um constante recriar-se, um entrelaçamento de corpos e vidas, em um privilegiado espaço de trocas e descobertas.

Após a harmonização e dedicação final, aos presentes foram dadas pedras de cores e formas variadas, a partir da escolha de cada um, afim de que de nos lembrar da conexão com o centro do círculo, como símbolo de unidade e de alargamento da consciência, de nossa ligação com a energia da

⁴³ Na mitologia grega, Kairos(καῖρός, "o momento certo" ou "oportuno") é filho de Chronos, é o deus do tempo e das estações. Ao tempo existencial os gregos denominavam Kairos e acreditavam nele para enfrentar ao cruel tirano Chronos. Na filosofia grega e romana é a experiência do momento oportuno. Os pitagóricos lhe chamavam Oportunidade. Kairos é o tempo em potencial, tempo eterno, enquanto que Chronos é a duração de um movimento, uma criação.

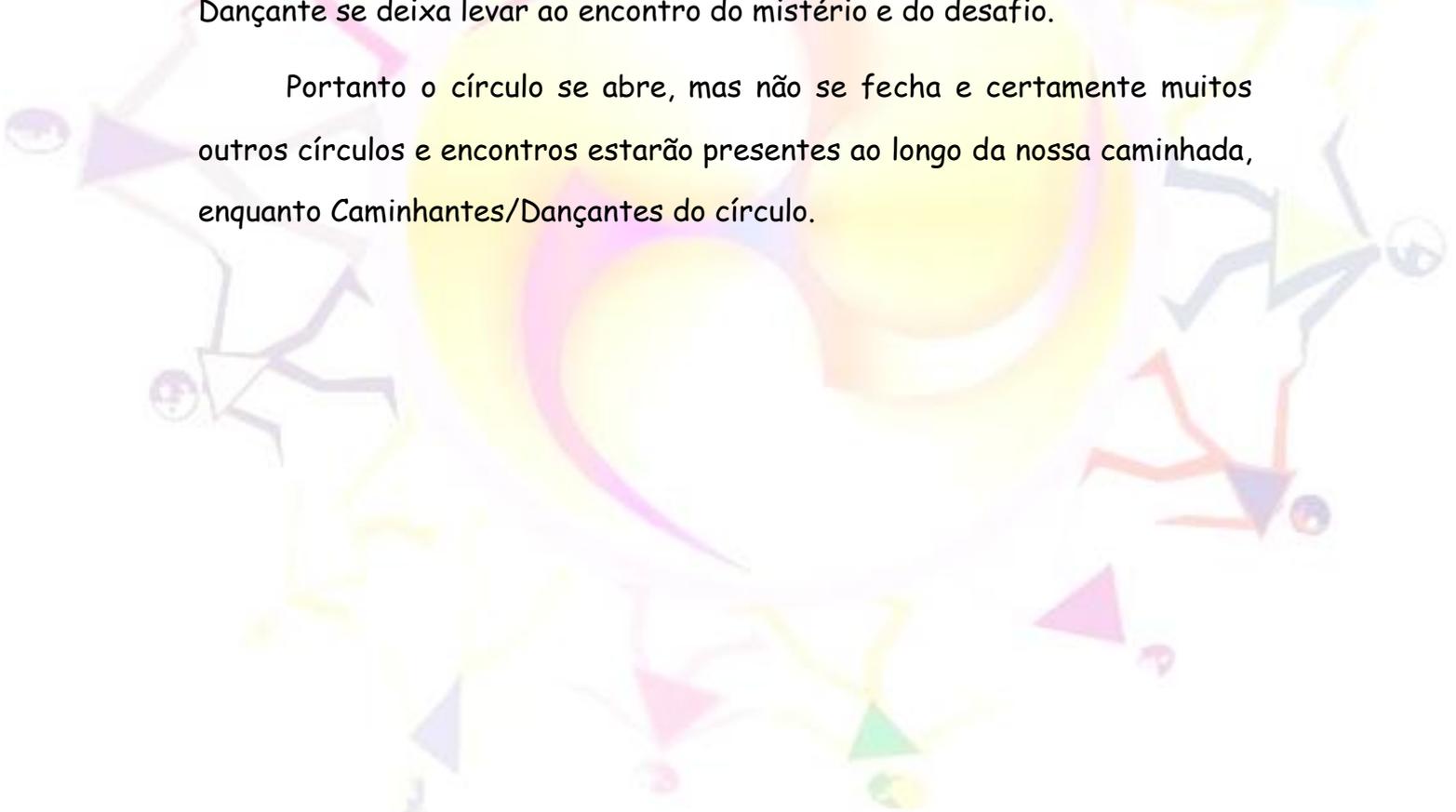
Na estrutura temporal da civilização moderna, geralmente se emprega uma só palavra para significar o "tempo". Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: khronos e kairos. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico, ou seqüencial, o tempo que se mede, esse último é um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece, a experiência do momento oportuno. É usada também em teologia para descrever a forma qualitativa do tempo, o "tempo de Deus", enquanto khronos é de natureza quantitativa, o "tempo dos homens".

Na teologia cristã, em síntese pode-se dizer que khronos, é o "tempo humano", é medido em anos, dias, horas e suas divisões. Enquanto o termo kairos, que descreve "o tempo de Deus", não pode ser medido, pois "para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos como um dia." (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kairos>)

terra, enquanto *Corpos Dançantes*, da clareza das diversidades na Unidade construída no círculo de *Danças Circulares Sagradas*.

Também de que a saudade não é uma emoção que nos leva à separação, mas sim, uma emoção que nos estimula a ir, a buscar outras possibilidades do dançar em círculo. Além de perceber que dançar-junto é da ordem do sentir e não do fazer. De um sentir que se preenche com a presença e o encontro com o outro, que se potencializa através do ritmo, do olhar e da escuta sensíveis. Um sentir que é do tempo da vivência, mas que transcende a ela, que se amplia, um tempo *Kairós*, onde a *Dança Circular Sagrada* se insere, pois se configura como um tempo qualitativamente diferenciado, que transborda para além do círculo de danças, onde o Dançante se deixa levar ao encontro do mistério e do desafio.

Portanto o círculo se abre, mas não se fecha e certamente muitos outros círculos e encontros estarão presentes ao longo da nossa caminhada, enquanto *Caminhantes/Dançantes* do círculo.



Espiralando o círculo de Danças Circulares Sagradas: o continuar dançando

"Que aconteceria se, em vez de apenas construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?"
(GARAUDY 1980, p.13)

Início esse processo espiral de continuar dançando com esta bela reflexão de Garaudy, que nos fala dos objetivos da vida, de como nos relacionamos e construímos nossa existência, vendo a dança como um modo de existir, de ser-estar no mundo, que é um mundo da experiência e da relação, de um ser-estar no mundo dançando-junto.

No processo da pesquisa, percorri trilhas, histórias, minhas e das Danças Circulares Sagradas. Encontrei parcerias, compartilhei experiências, desafiei-me na caminhada reflexiva e retornei para a Dança, mas o fiz diferente talvez com um pouco mais de conhecimento, com um olhar e uma escuta mais sensíveis, com um ritmo interno e externo mais afinados com o movimento. Enfim, voltei espiralando o tempo do círculo de Danças Circulares Sagradas, na perspectiva desta multidimensionalidade de ser-estar no Mundo.

Tive a oportunidade de conhecer mais profundamente as muitas histórias que construíram o movimento das Danças Circulares Sagradas ao longo do tempo. Aprofundei meus conhecimentos sobre Bernhard Wosien, Marie-Gabriele Wosien e Friedel Kloke, além daqueles que aceitaram o desafio de trazer esta prática de danças para o Brasil, Carlos Solano, nosso primeiro focalizador, Renata Ramos, Marge Opliger e tantos outros.

Vivenciei o estranhamento teórico na busca da compreensão do processo de dançar no círculo e encontrei em Maffesoli (2008), na sua reflexão sobre a razão sensível, uma porta entre tantas para esta compreensão. Tenho claro que, muitas outras abordagens seriam possíveis, muitos outros autores seriam preciosos para a análise e muitas outras

reflexões poderiam ser feitas, talvez até mais coerentes e complexas. No entanto a vida é composta por escolhas e esta é apenas mais uma, não menos importante, nem menos necessária, apenas escolha...

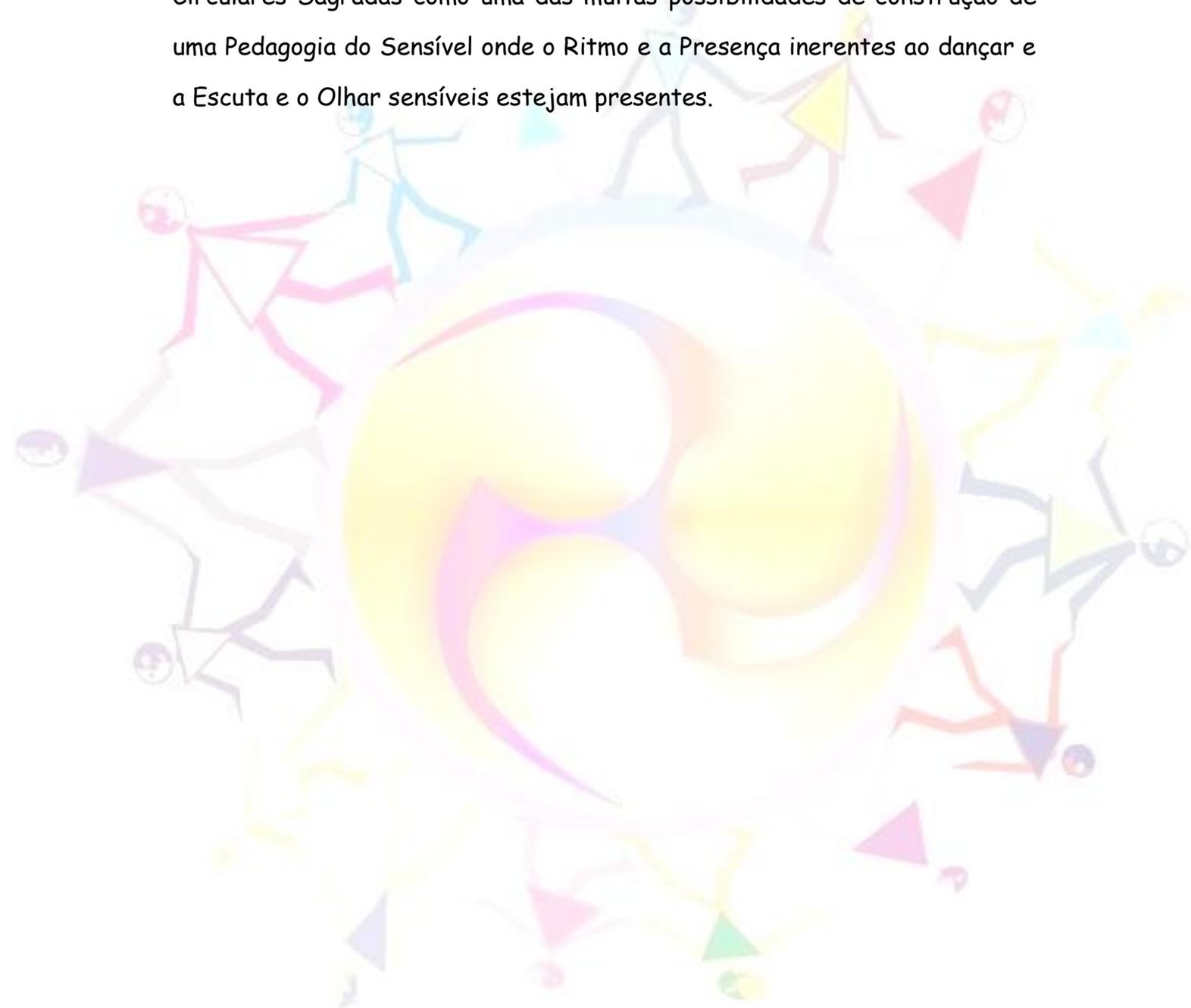
Essas escolhas me levaram à constituição das Oficinas de Danças Circulares Sagradas do Centro Comunitário George Black da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre, com nove Dançantes, que se permitiram caminhar e dançar juntos, a enfrentar o desafio das filmagens, da exposição, da troca, da partilha. Maravilhosos e maravilhosas companheiros e companheiras de caminhada. Percorremos terrenos inusitados, desconhecidos. Mas os percorremos juntos, presentes, acolhendo olhares, abrindo espaço para a escuta e para a percepção do outro, respeitando os erros e os processos de cada um, lembrando que, para aprender junto, é necessário despir-se de alguns preconceitos, exercitar a paciência e solidariedade, e, através da empatia, perceber diferenças e acolher processos. No entanto, isto não se deu de forma simples e direta. Foi necessário um tempo de conhecer-se, também perceber-se como parte do círculo.

Sendo assim, mergulhei na possibilidade de desvelar, a partir do dançar em círculo, as muitas experiências que constituem a cotidianidade das vidas dos Dançantes. Aprendi a calar, a observar sem julgar, sem buscar explicações mirabolantes, mas a ver com os olhos amorosos, de quem também faz parte do círculo, a deixar fluir a intuição, a buscar na reflexão teórica o apoio necessário à experiência vivida.

Nesse caminhar e fluir, alguns tropeços: como materializar esta Pedagogia do Sensível? Quantas dúvidas e desafios! No entanto foi encharcada dessa experiência que pude lançar mão dos muitos sentidos que a dança foi constituindo em minha vida e na vida dos Dançantes, nas

dinâmicas e danças, através das Cartas de Caminho (Apêndice B) e dos Depoimentos, nos espaços de trocas e de resgate da experiência.

Portanto, o presente estudo não tem a pretensão de dar soluções mágicas à questão do estar-junto-dançando, mas propor a prática de Danças Circulares Sagradas como uma das muitas possibilidades de construção de uma Pedagogia do Sensível onde o Ritmo e a Presença inerentes ao dançar e a Escuta e o Olhar sensíveis estejam presentes.



REFERÊNCIAS

Livros e textos

- BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. 3ª ed. São Paulo, SP. Ed. WMF Martins Fontes, 2009.
- BARTON, Anna. *Danças Circulares: Dançando o Caminho Sagrado*. São Paulo, SP. Ed. TRIOM, 2006.
- BÉJART, Maurice. Prefácio. In: GAURADY, Roger. *Dançar a vida*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CAFÉ, S. In: GEBRIN, P. *Palavra de Criança*. 9ªed. São Paulo, SP. Ed. Pensamento-Cultrix, 2007.
- COSTA, Ana Lucia B. da. *Dança: Uma Herança à Disposição de Todos*. In: RAMOS, Renata. *Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de educação e cura*. São Paulo, SP. Ed. Triom, 2002.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa Participante: Mito e Realidade*. Brasília, BR. INEP, 1982.
- FONTANELLA, F. C. *O Corpo no Limiar da Subjetividade*. Piracicaba,SP: Unimep, 1995.
- GAURADY, R. *Dançar a Vida*. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.
- GEBRIM, P. *Palavra de Criança*. 9ªed. São Paulo, SP. Ed. Pensamento-Cultrix, 2007.
- ICLE, Gilberto. *O ator como Xamã: Configurações da consciência no sujeito extracodiniano*. São Paulo, SP. Perspectiva, 2006.
- JOÃO, R. BRITO, M. *Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo*. São Paulo, SP. Revista de Educação Física Esp. v.18, n.3, p.263-72, jul./set. 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. 3ª ed. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2005.
- _____, Michel. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Forense Universitária, 2010.
- _____, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. 4ª ed. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2008.

- MARASHINSKI, A. S. *O Oráculo da Deusa*. 5ªed. São Paulo, SP. Ed. Pensamento-Cultrix Ltda, 2004.
- MELUCCI, Alberto. *O jogo do Eu: A mudança de si em uma sociedade global*. Ed. UNISINOS, 2004. São Leopoldo.
- MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, RJ. Livraria Freitas e Bastos. 1971.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza(org) *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 30ªed. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2011.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. De Dulce Matos. 2ªed. Lisboa: Instituto Piaget. 1990.
- _____, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgar de Assis Carvalho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1999.
- OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *A Formação de Professores Revisita os Repertórios Guardados na Memória*. In: *Imagens de professor*. 2ª ed. Ijuí, RS. Ed. Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do RS. 2004.
- _____, Valeska Fortes de. *Narrativas e Saberes Docentes*. In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, MG. nº37, jul. 2003.
- OSTETTO, Luciana. E. *Dos Gestos na Educação Infantil: textos do corpo*. In: OSTETTO, L. E. e LEITE, M. I. *Arte, Infância e Formação de Professores: autoria e transgressão*. Campinas: Papyrus, 2004.
- _____, Luciana. E. *Para Encantar é Preciso Encantar-se: Danças circulares na formação de professores*. Cadernos CEDES vol.30 nº 80 Campinas jan./abr. 2010.
- _____, Luciana. E. *Danças Circulares na Educação: Tocar o Ser da Poesia*. www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-4412--Int.pdf. 2006.
- RAMOS, Renata Carvalho Lima(org.). *Danças Circulares sagradas: uma proposta de educação e cura*. 2ª ed. São Paulo, SP. Ed. TRIOM, 2002.
- RODA DE LUZ. *Boletim das Danças Circulares*. Rio de Janeiro, n. 15, out./nov./dez.p.1, 2003.
- RODRIGUES, G. Mudanças. In: RAMOS, R. (org.) *Danças Circulares Sagradas: uma proposta de educação e cura*. 2ª ed. São Paulo, SP. Ed. TRIOM, 2002.
- SAMS, Jamie. *Dançando o Sonho: Os sete caminhos sagrados da transformação humana*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Rocco. 2003.
- _____, Jamie. *As Cartas do Caminho Sagrado: A descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte americanos*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Rocco. 2000.

- SCOTT, Joan. *The evidence of experience*. *Critical Inquiry*,17(4):773-797, 1991.http://www.arts.cornell.edu/melon/Scott_Evidence_of_Experience.pdf.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Bertrand Brasil. 2004.
- STEINER-GERINGER, Mary. *O Tarô e o Autoconhecimento*. São Paulo, SP. Ed. Pensamento. 1995.
- WATTS, June. *Circle dancing: celebrating the sacred in dance*. Bristol: Green Magic, 2006. 160p.
- WELLER, Wivian. *Grupos de Discussão: aportes teóricos e metodológicos*. In: *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2010
- WOSIEN, Bernhard. *Dança: um caminho para a totalidade*. São Paulo: Ed. TRIOM, 2000.
- WOSIEN, Marie-Gabriele. *Dança: símbolos em movimento*. São Paulo. Ed. Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- _____, Marie-Gabriele. *Dança Sagrada: Deuses, Mitos e Ciclos*. São Paulo: Ed. TRIOM, 2002.
- _____, Marie-Gabriele. *Der weg des tänzers*. In: WOSIEN, Bernhard. *Tanzimpressioner Dance Impressions*. Dieter Balsier Verlag, 1998.
- _____, Marie-Gabriele. *Danças sagradas: o encontro com os deuses*. Madri: Edições del Prado, 1996. Versão Brasileira: GVS. Fernando Chinaglia Distribuidora, Rio de Janeiro, 1997. 128p. (Coleção Mitos, Deuses, Mistérios).

Teses e Dissertações

- ARENHALDT, Rafael. *Das Docências Narradas e Cruzadas, das Sur-presas e Trajetórias Reveladas*. Porto Alegre. RS. 2005. Dissertação de Mestrado - Porto Alegre, RS, PPGEd, UFRGS, 2005. (Orientadora Dra. Malvina do Amaral Dorneles).
- BARCELLOS, Janete T. da S. *Dança Circular: pedagogia da presença, do ritmo, da escuta e do olhar sensíveis*. Porto Alegre, 2011. Projeto Dissertação de Mestrado - Porto Alegre, RS, PPGEd, UFRGS, 2011. (Orientadora Dra. Malvina do Amaral Dorneles).

COUTO, Yara Aparecida. *Dança Circular Sagrada e seu potencial educativo*. Piracicaba, SP, 2008. Tese de Doutorado - UNIMEP. (Orientador Dr. Francisco Cock Fontanella).

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educadores na Roda de Dança: Formação-transformação*. Campinas, SP. 2006. Tese de Doutorado. - Faculdade de Educação, UNICAMP. (Orientadora Dra. Ana Angélica Medeiros Albano).



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PROJETO DE DISSERTAÇÃO: Dança Circular Sagrada: pedagogia da presença, do ritmo, da escuta e do olhar sensíveis

PESQUISADORA: Prof.^a Janete Teresinha da Silva Barcellos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a):

Convido você para participar de meu projeto de pesquisa para o Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como dançante nas oficinas de Danças Circulares - Grupo Focal - realizadas no Centro Comunitário George Black, ligado à Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer da Prefeitura de Porto Alegre.

Nestas oficinas além da prática das Danças Circulares, teremos a oportunidade de conhecer acerca da história de cada dança, seus movimentos e música, vivenciando-as no espaço do círculo.

Além das oficinas - Grupo Focal - será elaborado um depoimento descritivo individual onde serão abordadas questões relativas ao dançar no círculo. Estes depoimentos estarão presentes na escrita do trabalho. Caso não queiram seus nomes nomeados poderão solicitá-lo.

Solicitarei suas autorizações para filmar as diferentes atividades a serem desenvolvidas conjuntamente, entretanto tais, só serão utilizadas como dados de pesquisa com suas autorizações gravadas na própria mídia.

De qualquer modo, fica garantida a entrega de uma cópia para cada um dos envolvidos que a solicitar, bem como o sigilo dos envolvidos, caso assim o desejarem.

Quando da defesa da Dissertação, você será convidado para assistir aos resultados do estudo desenvolvido.

Muito Grata.

Porto Alegre/RS, Novembro de 2011.

Prof.^a Janete Teresinha da Silva Barcellos

De acordo: (assinatura) _____

(nome legível) _____

APÊNDICE B - AS 21 CARTAS DE CAMINHO

Oferta

... é quando a gente descobre que o mundo é muito grande e tem muitas opções, daí a gente pensa, encontra os outros e descobre que é só buscar aquilo que nos é dado.

Acolhimento

... é quando a gente vê que alguém está chegando e precisa da gente para sentir-se bem. Então a gente dá a mão, olha nos olhos prá ele entender que este também é seu lugar.

Escolha

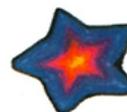
... é quando temos a chance de aprender um monte de coisas novas. Às vezes a gente acha que é muito complicado, mas elas sempre nos ajudam a olhar o mundo de um jeito diferente.

Dança



... é quando a gente encontra um monte de outras pessoas, aí cada um sorri, ouve uma música bonita, deixa o corpo leve e solto e aproveita para brincar junto.

Perfomance - erro



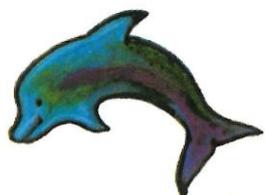
... é uma coisa que a gente sente quando só quer fazer as coisas do melhor jeito, mas as vezes a gente não consegue fazer direito. Aí a gente fica um pouco chateado, mas depois aprende a fazer ainda melhor.

Ritmo



... é quando a gente descobre que tudo se move e que basta a gente ficar quietinho e escutar com o corpo. Aí tudo começa a fluir junto.

Alegria



... é quando a gente descobre que a vida é uma grande brincadeira. Aí a gente sabe que as coisas que acontecem são como nos filmes, então a gente começa a brincar de viver e tudo fica mais divertido.

Prazer



...é brincar com um cachorrinho, falar com as estrelas, chorar de alegria e dançar muito. É quando a gente faz o que quer, na hora que quer e fica bem pertinho de gente que a gente gosta.

Cuidado



... é quando a gente descobre que o outro existe, então a gente olha para outra pessoa e descobre que ela é igual a gente. Aí a gente consegue aceitar o outro do jeito que ele é.

Sincronismo



... é quando a gente olha para o céu e vê que existem muitas estrelas, astros, cores e sons. Aí a gente percebe que, tudo está no seu lugar, girando, girando sempre.

Dançar-junto



... é que nem um presente embrulhado num papel colorido. Tem gente que guarda o presente para abrir depois, mas isso é muito sem graça. Legal mesmo é fazer aquela festa, dar as mãos, dançar e abri o presente, no presente.

Amor



... é aquilo que a gente sente quando fecha os olhos e deixa que tudo se transforme num céu estrelado e a gente sabe que não existe nada nem ninguém que não faça parte desse céu.

União



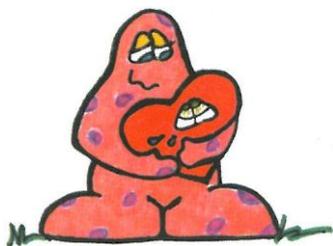
... é quando o universo mostra sua força através da gente. Aí a gente deixa de tentar fazer tudo sozinho e encontra um montão de gente que quer fazer junto.

Tempo



... é o jeito que o universo encontrou para nos mostrar que as coisas mudam. Aí a gente cresce se torna grande como as montanhas, leve como o vento e mais tarde aprende que tudo flui e que a gente também faz parte desse fluxo.

Olhar



...é quando a gente vê o outro e lembramos que ele faz parte da gente. Aí aprendemos a dar a mão, olhar no olho e exercitar a compaixão.

Escuta



...é quando a gente se fecha que nem tatu-bola e não quer ouvir nada. Aí a gente ouve um barulhinho de chuva, o canto de um passarinho, uma música linda e fica querendo ouvir mais e sentir-se cada vez mais feliz.

Silêncio



...é quando a gente para de ouvir os barulhos que estão a nossa volta e ficamos bem quietinhos. Aí a gente começa a ouvir aquilo que está dentro de nosso coração.

Sabedoria



... é quando a gente se senta no sofá e fica imaginando como as coisas deveriam ser, e a gente se sente tão feliz e esquece que está imaginando e aí as coisas acontecem de verdade.

Busca



...é quando nos sonhamos e esses sonhos alimentam nosso coração. Aí a gente vai atrás e o Universo os transforma em realidade.

Transformação



...é quando o Universo, mostra sua força através da gente. Isso só acontece quando a gente deixa de tentar mudar os outros e aprende a aceitar todo mundo exatamente do jeito que é.

Celebração



...é quando estamos muitos felizes e achamos que tudo vai dar certo, então chamamos todo mundo para cantar, comer, dançar e rir muito com a gente.